



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET

KATIA FABIANA CHAVES MAIA

**A POESIA ABSTRATA E SUA TRADUÇÃO CONCRETA – UMA LEITURA
SOBRE A SUZANA DE BEHR**

BRASÍLIA
1º 2018

KATIA FABIANA CHAVES MAIA

**A POESIA ABSTRATA E SUA TRADUÇÃO CONCRETA – UMA LEITURA
SOBRE A SUZANA DE BEHR**

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Tradução – Espanhol do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a María del Mar Páramos Cebey

BRASÍLIA
1º/2018

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)

KATIA FABIANA CHAVES MAIA

**A POESIA ABSTRATA E SUA TRADUÇÃO CONCRETA – UMA LEITURA
SOBRE A SUZANA DE BEHR**

Trabalho apresentado como requisito
parcial para obtenção do título de bacharel
em Tradução – Espanhol do
Departamento de Línguas Estrangeiras e
Tradução, Instituto de Letras,
Universidade de Brasília.

Prof.^a Dr.^a María del Mar Páramos Cebey
(Orientadora – LET/UnB)

Banca Examinadora: _____
Prof. Dr. Julio César Neves Monteiro
(Membro – LET/UnB)

Banca Examinadora: _____
Nicolas Behr
(Autor e poeta)

Dedico este trabalho aos meus filhos, Bernardo e Guilherme, pois foram eles os meus inspiradores para eu novamente prestar um vestibular e me aventurar, 30 anos depois, no mundo universitário. A conclusão deste curso é um sonho que fecha um ciclo de três décadas da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer à minha professora e orientadora María del Mar Páramos Cebey, que foi para mim uma inspiração durante os momentos em que me deparei com suas aulas. Principalmente, na matéria de Versão de Literários. Foi durante uma aula da professora Mar, que mudei radicalmente o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ao me encantar com a aula em que a proposta era traduzir um poema do autor Nicolas Behr.

O poema escolhido já era velho conhecido meu, pois vivi a época de efervescência cultural em Brasília, na década de 1980, quando o texto foi produzido, e o fato de estarmos ali, naquela aula fazendo sua versão, me foi absolutamente encantadora – a tal ponto de decidir naquele momento que seria o tema do meu TCC. E a professora Mar foi uma grande incentivadora deste desafio.

Gostaria de agradecer também aos professores outros que fizeram deste meu curso uma experiência renovadora e inteiramente gratificante. Por meio de suas aulas aprendi que tradução é muito mais do que uma atividade mecânica. É um ofício que requer estudo, dedicação e conhecimento. Ninguém traduz um texto impunemente. Há de se estudar, pesquisar, se dedicar.

Finalmente sou grata a todos os meus colegas de curso que ao longo da trajetória que me propus a percorrer me foram caros e me ajudaram a enfrentar este desafio em minha vida, numa fase absolutamente diferente da que enfrentei quando fiz minha primeira graduação. E, mais, fizeram me sentir integrada e totalmente ambientada em meio a jovens universitários que me acolheram com tanto carinho.

A boa tradução deve fazer e não apenas dizer. Ela deve, como o texto, comportar e conduzir - Henri Meschonnic

.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem por finalidade apresentar, dispor e explorar de estratégias de tradução para realizar a versão de um poema do autor Nicolas Behr. O poema escolhido, que não possui título, mas foi denominado pelo próprio autor como “O poema da Suzana”, é uma peça repleta de referências à Brasília. A tradução dos topônimos se impôs como o principal desafio e norteou as estratégias utilizadas na travessia que o texto original percorre até o texto traduzido. Assim, ao longo do trabalho são levantadas as opções de domesticação, estrangeirização e escrita criativa na busca por versões que possam levar ao leitor alvo versões que, ora destaque a invisibilidade do tradutor ora a suprima.

Palavras-chave:. Domesticação, estrangeirização, topônimos, tradução, poema, Brasília

RESUMEN

Este trabajo de Conclusión de Curso tiene por finalidad presentar, disponer y explotar las estrategias de traducción para realizar la versión de un poema del autor Nicolas Behr. El poema escogido, que no tiene título, pero fue denominado por el autor como "El poema de la Suzana", es una pieza llena de referencias a Brasilia. La traducción de los topónimos se impuso como el principal desafío y orientó las estrategias utilizadas en la travesía que el texto original recorre hasta el texto traducido. Así, a lo largo del trabajo se levantan las opciones de domesticación, extranjerización y reescritura creativa en la búsqueda de versiones que puedan llevar al lector versiones que, destaque la invisibilidad del traductor o la suprima.

Palabras clave: Domesticación, extranjerización, topónimos, traducción, poema, Brasilia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 BRASÍLIA - a realização de um sonho	11
1.1 Brasília – urbanismo moderno	11
1.2 Brasília – mais do que planejada, uma capital sonhada	13
1.3 Brasília – um projeto inovador	15
1.4 Construção de Brasília – vias e eixos que se “formas”	17
1.5 Brasília – quem te viu e quem te vê. Anos 1980	20
1.6 Brasília – quem te viu e quem te vê. Ano 2018	25
2 O AUTOR E SUA OBRA	27
2.1 O Poeta	27
2.2 O Poema	31
3 TRADUÇÃO DE POESIA	34
4 TRADUÇÃO DO POEMA.....	38
4.1 Tradução estrangeirizadora	41
4.2 Tradução domesticadora interlingual.....	43
4.2.1 Barcelona Espanha.....	43
4.2.2 Buenos Aires – Argentina	46
4.3 Tradução - reescrita criativa.....	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
7 ANEXOS	55

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo fazer um relato descritivo do processo de versão interlingual (do português para o espanhol) de um poema de Nicolas Behr. Mato-grossense, o poeta chegou a Brasília no ano de 1974, com 15 anos de idade. À época viveu o conflito da mudança de uma cidade como Cuiabá para uma capital planejada, setorizada e, como ele próprio se refere à Brasília, ‘maquetizada’. De acordo com o poeta, o poema tema deste estudo, que não tem título, mas que foi batizado por ele informalmente como “O poema da Suzana”, foi escrito nos anos mais criativos de sua vida, entre as décadas de 1970 e 1980.

Referência no cenário cultural da cidade. Behr teve seu poema cravado na estrutura de prédios da cidade planejada, humanizando o concreto da cidade patrimônio cultural da humanidade.

Este TCC consiste em buscar as soluções tradutórias que respeitem a estrutura do poema e concomitantemente repasse a intenção do autor, tentando não alterá-lo ou, se assim tiver que ocorrer, o mínimo possível. Uma vez que a avaliação de uma tradução de poesia é uma tarefa complexa e delicada. Temos consciência de que o texto poético trabalha com a linguagem em todos os seus níveis — semânticos, sintáticos, fonéticos, rítmicos, entre outros (BRITTO, 2002).

Assim sendo, ao longo do trabalho registro as alternativas tradutórias por mim identificadas e utilizadas para que possa me valer da tarefa do tradutor de poesia que é a de “recriar, utilizando os recursos da língua-meta, os efeitos de sentido e forma do original — ou, ao menos, uma boa parte deles” (BRITTO, 2002). Buscando ainda, o peso das palavras no campo poético onde as palavras têm um valor e esse valor consiste no sentido que as palavras ocultam.

O trabalho registra os estudos utilizados os e os caminhos percorridos ao longo da pesquisa tradutória para identificar as soluções que mais se aproximam da intenção do autor em retratar Brasília por meio de um vocabulário típico da capital e a utilização de topônimos - uma cidade onde números e letras refletem endereços e avenidas. Diferentemente do que é comumente adotado nos municípios brasileiros, onde os endereços tem vias e avenidas batizadas por nomes próprios.

Buscou-se orientar e adotar um roteiro básico para facilitar a identificação das características do poema, seu efeito estético e tentar recriar o que pode ser recriado e/ou manter o que se encaixa na situação oposta.

A metodologia adotada partiu primeiramente, de um estudo da obra do autor do poema, Nicolas Behr, e do seu perfil. Ele, ainda é atuante no cenário cultural brasiliense, o que permitiu dedicar a ele um capítulo específico do TCC. Conhecendo pessoalmente o criador para entender melhor a criatura. Uma aproximação com Nicolas Behr e sua obra, registre-se, foi fundamental para o entendimento melhor e mais apurado do Poema da Suzana e sua intencionalidade.

Nicolas Behr publicou vários livros e neles, Brasília é uma assinatura que delinea seus poemas. Como o traço de Lucio Costa definiu as curvas das Asas, as retas dos eixos e as voltas das tesourinhas. A marca de Brasília em seus poemas revela sua identidade com a cidade. Como no trecho do Poema da Suzana e a sua ousadia de ser “superquadra na minha cama”. Em outros poemas, topônimos e características de Brasília também aparecem espontaneamente. Como em:

“entre,
entre por favor
entre blocos
entre quadras
entre,” (BEHR, Poesília, 2014)

Neste trabalho de conclusão de curso, tentou-se responder a algumas perguntas que intrigam em relação à tradução/versão de literários sobre a estrangeirização ou sua domesticação, a cultura de partida e de chegada e o desafio de repassar ao leitor, no texto traduzido, as dificuldades específicas da tradução deste tipo de texto, a sua correspondência com o texto de chegada, além do desafio da tradutibilidade, levantada por Roman Jakobson, quando diz que “a poesia é por definição, intraduzível”.

Para melhor entendimento, então, foi realizada uma pesquisa virtual, por meio da ferramenta Google.docs, para melhor percepção da compreensão de moradores de Brasília sobre as vias e avenidas citadas no poema. Na pesquisa, foi feito um corte temporal, onde os entrevistados tinham a oportunidade de escrever suas considerações sobre os locais citados em dois momentos: na década de 1980, quando foi escrito o poema, nos tempos atuais. As repostas foram significativas para a melhor compreensão da importância de cada local e sua significância.

O trabalho incluiu ainda um estudo ampliado da essência de Brasília, como cidade planejada e que antes mesmo de sua construção, da década de 1960, já tinha sido cogitada no Brasil império. Brasília é o resultado de vários momentos da história brasileira e traz também em sua alma o sentimento de uma cidade que coaduna com a arquitetura moderna e seus conceitos, pregados por urbanistas como Le Corbusier e que conversam claramente com outras cidades planejadas como Washington, nos Estados Unidos, São Petersburgo, na Rússia, e Chandigarh, na Índia.

Em relação a estruturação do trabalho, ele consiste em três momentos: a compreensão de Brasília por meio de sua história, de sua arquitetura e de sua realização; a compreensão do autor Nicolas Behr, a partir de sua obra, de seus poemas e de um bate-papo para dar voz ao autor neste trabalhos; e finalmente a tradução propriamente dita.

Nesta última fase, foram utilizados textos de teóricos e referências tradutórias estudadas ao longo do curso de Letras e Tradução – Espanhol, da Universidade de Brasília (UnB), possibilitando a aplicação de técnicas realizadas durante a graduação e consolidando o que foi aprendido, na prática, em busca da melhor solução tradutória de um texto literário, no caso um poema, onde o principal desafio é definir o papel do tradutor e perceber se ele se põe como um mero instrumento do autor para transportar sua obra para outra língua e assim fazer-se invisível; ou, colocar-se como co-autor e imprimir sua marca, fazendo a travessia do texto de mãos dadas com o autor.

1 BRASÍLIA – a realização de um sonho

1.1 Brasília – urbanismo moderno

Cidades planejadas sempre foram um desejo forte na área urbanística, principalmente quando se trata de capitais. O sonho de se edificar locais ordenados, onde o espaço urbano possa ser dividido e estabelecido de tal forma em que o governo possa estar seguro de intervenções externas e internas e a qualidade de vida garantida aos seus habitantes, data de séculos anteriores.

Na Europa, por exemplo, na segunda metade do século XIX, a expansão de epidemias foi resultado do adensamento populacional nos centros industriais e a aparência caótica das metrópoles gerou o desejo entre as elites nacionais por espaços

mais organizados e sãos. Foi nessa época que surgiu, no continente europeu, o pensamento ‘pós-liberal’ onde o estado assumia a tarefa de realizar grandes intervenções urbanas. Como descrito no livro *Brasil, Brasília e os Brasileiros*:

Esse movimento teve sua expressão maior nas obras de remodelação de Paris, comandadas pelo prefeito do Departamento do Seine, George Eugène Haussmann. Em 17 anos de administração (1853-1870), Haussmann coordenou uma série de grandes obras no centro de Paris, abrindo um conjunto de largos bulevares em perspectiva, com prédios de fachada uniformes de ambos os lados, e pondo abaixo os velhos quarteirões populosos e as vias estreitas por onde circulavam os parisienses” (COUTO; MATOS, 2002, p.70)

O modelo de Haussmann viria a ser seguindo em vários países, inclusive o Brasil, no Rio de Janeiro, na primeira década do século XX. Pelo mundo, o espírito transformador foi além de reformar antigas capitais, mas construir novas e mais modernas. Assim foi com São Petersburgo, quando o Czar Pedro I contratou arquitetos da França, Holanda e Itália para erguerem uma cidade geometricamente planejada.

A construção de Washington D.C. segue igualmente o desejo de erguer uma capital política e administrativamente funcional. A capital norte-americana foi inaugurada em 1800 com a mudança de 126 funcionários públicos do governo federal para a nova cidade. Camberra, na Austrália é outra cidade que foi planejada em 1911 e dezesseis anos mais tarde se tornaria a capital do país.

Mas, foi Chandigarh, na Índia, uma importante fonte inspiradora para a concepção do que veio a ser a concepção de Brasília. O projeto foi encomendado ao urbanista francês Le Corbusier e que permitiu a ele implantar um sistema urbanístico um projeto baseado em conceitos da arquitetura moderna.

O projeto inicial previa a divisão da cidade em setores – 50 ao todo. Todos autossuficientes e com 1 km², contendo serviços, comércio e escolas. Contendo ainda espaços verdes com praças e jardins, vias largas e apartadas conforme o tipo de tráfego (externo e interno) e sem cruzamentos. Esses se dariam por meio de sistemas de viadutos e passagens de nível.

Para quem conhece Brasília, perceberá que a comparação é inevitável. O sistema setorizado, de tráfego e de serviços originalmente proposto no projeto de

Lúcio Costa reflete a influência de Le Corbusier. Mas, isso será mencionado mais adiante, quando do projeto e concepção da nova Capital do país.

No Brasil, antes mesmo de Brasília, outras cidades foram planejadas para abrigar a sede de governos estaduais. Belo Horizonte, inaugurada em dezembro de 1897, é uma delas. A capital mineira deixava de ser, portanto, Ouro Preto – considerada montanhosa e sem condições para o desenvolvimento econômico e a expansão demográfica, e era transferida para Belo Horizonte. Inspirada em Washington e Paris, Belo Horizonte áreas bem definidas entre central, suburbana e rural e, ao ser inaugurada, possuía largas avenidas e grandes prédios públicos. Cidade que viria a ser governada por Juscelino Kubitschek nos anos 1940.

Não por acaso, mineiros e goianos foram os mais ardorosos defensores da transferência da capital (...) Destes dois estados viriam também os principais responsáveis pela construção, como os mineiros Juscelino Kubitschek e Israel Pinheiro, e o goiano Bernardo Sayão. Nos dois casos, apostava-se na nova capital como fator de modernização e indução do desenvolvimento. Nos dois estados afirmava-se a importância do interior para o país cuja trajetória histórica fora fortemente centrada no litoral. (COUTO; MATOS, 2002, p.75)

Goiânia, a pouco mais de 200 km de Brasília, também foi planejada. Projetada e construída na primeira metade do século XX. Assim como ocorreu em Minas Gerais, a capital goiana, Goiás Velho, também enfrentava limitações. O plano urbanístico de Goiânia previa a divisão da cidade em quatro setores – central, norte, sul e oeste. Além dos centros administrativo e comercial; e as zonas industrial e rural.

1.2 Brasília – Mais do que planejada, uma capital sonhada.

Desde o sonho de Dom Bosco, que em 1883 preconizou que entre os paralelos de 15° e 20° haveria uma depressão bastante larga e comprida, partindo de um ponto onde se formava um lago, até Juscelino Kubitschek, Brasília perpassa por momentos da história brasileira, antes mesmo do início de sua construção em 1957.

Proclamada a independência, ao instalar-se a Assembleia Nacional Constituinte, em 3 de maio de 1823, José Bonifácio levantou a proposição sobre a necessidade de edificar no interior do país uma nova capital. E, já naquele momento, ele propôs que o nome fosse Petrópolis ou Brasília.

Sendo ela central e interior, fica o assento do governo e da legislatura livre de qualquer assalto ou surpresa feita por inimigos externos. (...) Como esta cidade deve ficar, quando possível, equidistante dos limites do Império tanto em latitude como em longitude, vai-se abrir desse modo por meio das estradas que devem sair deste centro como raios... (ANDRADA, *op. cit.*p.117 *apud* COUTO - MATOS, 2002, p.39)

Na Assembleia Constituinte de 1891, o tema da interiorização da capital do Brasil, voltaria à cena, defendida pelo deputado Thomaz Delphino, que criticava a Monarquia por ter mantido a capital no Rio de Janeiro. A nova capital, nas palavras do deputado, deveria constituir “um limitado espaço de território, de vida quieta, singela, sossegada, nas mesmas condições políticas em que se acha a Capital da Republica Americana”, declarou. A Constituição de 1891 trouxe então em seu texto, artigos que previam a transferência da capital do país para o interior, no Planalto Central.

Art. 2º Cada uma das antigas províncias formará um Estado, e o antigo município neutro constituirá o Distrito Federal, continuando a ser a capital da União, enquanto não se der a execução ao disposto o artigo seguinte.

Art. 3º Fica pertencendo à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados que será oportunamente demarcada para nela estabelecer-se a futura Capital Federal. [In Brasília. *Antecedentes históricos (1549-1896)* *op.cit.*p.66 *apud* COUTO-MATOS, 2002, p. 50)]

Em 1892, o Congresso Nacional autoriza as despesas e a nomeação de nomes para a realização de missão exploratória para demarcação do local onde seria construída a nova capital em condições equidistantes dos pontos extremos do território nacional. Chefiada pelo engenheiro astrônomo Luís Cruls, diretor do Observatório do Rio, a missão era formada por vinte e um membros. O relatório produzido pela missão, foi publicado em 1894.

Enquanto a comissão desenvolvia seus estudos, o debate em torno da transferência da capital do Brasil para o interior ficava cada vez mais acirrado no Congresso Nacional e ganhava espaço nos jornais e entre a população. Machado de Assis, colunista da Gazeta de Notícias, em pelo menos quatro vezes, demonstrou em

seus escritos sua posição contrária à mudança. Na primeira delas declarou que o Rio de Janeiro seria “sempre a capital verdadeira e histórica do Brasil”.

A transferência da capital voltou aos debates na Assembleia Nacional Constituinte de 1934. Porém, a Constituição de 1937 sequer mencionava a mudança da capital para o interior. Tema que viria a ser retomado na Assembleia Constituinte de 1946, quando o então deputado federal, Juscelino Kubitschek, fez um discurso em plenário defendendo a instalação da nova capital no Triângulo Mineiro. Posição defendida pelo também deputado Israel Pinheiro. Em seu texto final, a Constituição fixava um a Criação de uma Comissão de Estudos para a Localização da Nova Capital, que concluiu pela localização definida pela Missão Cruls.

A mudança tornou-se a bandeira de campanha à presidência da república de JK que, em abril de 1955, em discurso em Jataí, Goiás, falou da sua intenção de promover a construção da Nova Capital do Brasil. Ao assumir o cargo de presidente, JK fez da promessa uma política de governo. Na cidade de Anápolis, goiás, assinou a “Mensagem de Anápolis”, encaminhada ao Congresso Nacional em que argumentava pelo cumprimento do Art. 4º da Constituição Federal e especificava a localização, os custos e a criação da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap), para a construção da mesma. O projeto enviado por JK foi aprovado nos meses seguintes e transformado na Lei no. 2.874, sancionada em 19 de setembro de 1956.

1.3 Brasília – um projeto inovador

Brasília foi uma proposta totalmente inusitada, onde o ponto de partida era a construção de uma cidade edificada a partir do zero e o ponto de partida seria um Plano Piloto. Em consonância com o que pregava a arquitetura moderna, a nova Capital deveria ordenar o que consideravam ser as quatro funções básicas do viver em uma cidade: habitação, trabalho, recreação e circulação.

De acordo com a percepção de Le Corbusier, as cidades eram um instrumento de trabalho. E, já não cumpriam esta função, sendo ineficazes, desgastantes ao corpo, contrariando o espírito. Para ele, a desordem que se multiplicava nas cidades era ultrajante” (Le Corbusier, 2000, p.7). Não por acaso, Le Corbusier foi sondado, em

1955, para realizar o projeto da capital do Brasil. O arquiteto, porém, entendeu que o plano de urbanismo deveria ser de um brasileiro.

O projeto para a construção de Brasília foi escolhido por meio de concurso. O Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil foi divulgado oficialmente por meio do Edital publicado no diário Oficial da União (DOU) do dia 30 de setembro de 1956. O texto permitia que pessoas físicas ou jurídicas domiciliadas no país, regulamente habilitadas para o exercício da engenharia, arquitetura e urbanismo pudessem participar.

O Edital determinava que o Plano Piloto deveria abranger “um traçado básico da cidade, indicando a disposição dos principais elementos da estrutura urbana, a localização e interligação dos diversos setores, centros, instalações e serviços, distribuição dos espaços livres e vias de comunicação (escala 1:25.000)”. Além de relatório justificativo. Vinte e seis trabalhos foram apresentados e a maioria revelava uma inclinação pelos princípios urbanísticos modernos.

Os principais escritórios de arquitetura da época concorreram. Inicialmente, a Comissão julgadora selecionou dez projetos e finalmente terminou por escolher como vencedor aquele que conseguiu integrar:

Os elementos monumentais da vida cotidiana da cidade como Capital Federal, apresentando uma composição coerente, racional, de essência urbana, uma obra de arte... (Atas da Comissão Julgadora do Concurso do Plano Piloto. In, *Diário de Brasília* . 1956-1957, *op. cit.* p.207)

Lucio Costa foi o vencedor. Em seu relatório, começa desculpando-se pela apresentação sumária” do plano sugerido e justifica-se:

Não pretendia competir e, a verdade, não concorro – apenas me desvencilho de uma solução possível que não foi procurada, mas surgiu, por assim dizer, já pronta. Compareço, não como técnico devidamente aparelhado, pois nem sequer disponho de escritório, mas como simples *maquis* do urbanismo, que não pretende prosseguir no desenvolvimento da ideia apresentada senão eventualmente, na qualidade de mero consultor (COSTA,1991, p.18)

A proposta de Lucio Costa e conseqüentemente a construção de Brasília confirmariam o papel do arquiteto não apenas como um dos maiores nomes da

arquitetura moderna, mas como o principal pensador da arquitetura e do urbanismo no Brasil. Na apresentação de sua proposta, em seu relatório, Lucio Costa destaca ainda que Brasília deveria ser “concebida não como simples organismo capaz de preencher satisfatoriamente e sem esforço as funções vitais próprias de uma cidade moderna qualquer, não apenas como *urbs*, mas como *civitas*, possuidora dos atributos inerentes a uma capital” (COSTA, 1991, p. 20).

1.4 Construção de Brasília – vias e eixos que se “formas”.

Projeto escolhido, a construção de Brasília finalmente começa. Uma empresa foi criada para fazer Brasília, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap) e por meio do trabalho de milhares de pioneiros que vieram de longe para edificar a Capital do Brasil, que Brasília começa a tomar forma.

Brasília, em sua concepção inicial, ainda projeto, já demonstrava que era feita de ‘formas’ arquitetônicas ousadas e arrojadadas. Característica absolutamente visível não apenas em seus monumentos, mas em seus movimentos de ruas e avenidas. Por isso, numa licença poética, o título deste item ousa arriscar uma adaptação para a frase ‘vias e avenidas que se formam’ para ‘vias e avenidas que se formas’. Numa tentativa de imprimir cunhar no âmago da escritura deste trabalho o valor máximo que existe das formas na alma da cidade e de seus caminhos.

E como definiu o seu criador, Lucio Costa, em sua proposta para Brasília, a capital “nasceu, se definiu e resolveu a presente solução” (para suas formas). Brasília “Nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, (COSTA, 1991, p.20) ou seja, o próprio sinal da cruz (Fig. 1).

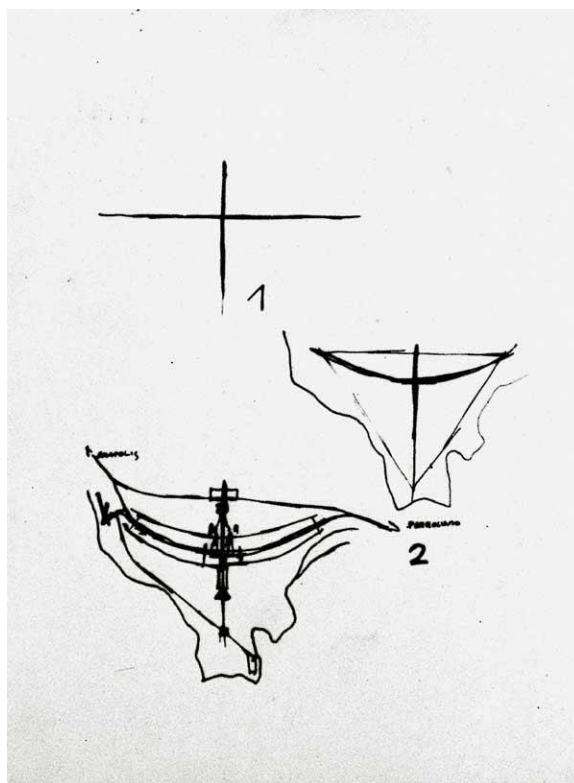


Figura 01

Da marca de posse, no Planalto Central, Brasília foi desenvolvendo seus traçados com sua beleza e leveza próprias. Com seus devidos setores – centrais e residenciais –, avenidas, áreas de lazer, e característica tão peculiares da nova capital, a cidade de que surgia concebeu em sua lógica um ordenamento geográfico onde as coordenadas se baseiam nos pontos cardeais – Norte, Sul, Leste, Oeste –. Referências que ganham espaço na localização dos endereçamentos e os blocos residenciais, os setores comerciais, as áreas de lazer passam a ser chamadas por letras e números.

Quanto à numeração urbana, a referência deve ser o eixo monumental, distribuindo-se a cidade em metades *Norte e Sul*; as quadras seriam assinaladas por números, os blocos residenciais por letras, e finalmente o número do apartamento na forma usual, assim, por exemplo, N-Q3-L AP 201. A designação dos blocos em relação à entrada da quadra deve surgir da esquerda para a direita, de acordo com a norma. (COSTA, 1991, p.32).

Assim, avenidas centrais foram batizadas de eixos, cada um com uma função bem definida: no Eixo Rodoviário para os moradores e no Eixo Monumental, os prédios do governo. – Norte e Sul – conforme a localização, e o seu propósito -

monumental e rodoviário - de acordo com suas funções. Paralelo a estes eixos principais, vias adjacentes ganharam os nomes de eixo W (oeste) e L (leste); hoje coloquialmente chamados de “eixinhos”.

Várias avenidas foram batizadas com letras e coordenadas. A W3, a W2, W4 Norte e Sul. A mais importante entre elas, a W3, concebida originalmente para ser uma via ao fundo das superquadras e com a função de serviço para o tráfego de caminhões. Uma espécie de linha divisória entre a área residencial e a área agrícola.

No entanto, a W3 traiu o próprio planejamento e tornou-se uma importante avenida comercial. O site Histórias de Brasília destaca que de acordo com o projeto original, as casas das quadras 700 não existiriam. “O espaço seria destinado a plantações de flores e agricultura familiar. Mas a ideia nem chegou a sair do papel, pois a população da cidade aumentava cada vez mais e essa gente toda precisava de lugar para morar” e as lojas das quadras 500 deveriam ser voltadas para a W2. Dessa forma, os moradores das superquadras teriam um acesso rápido e fácil ao comércio e os fundos das lojas estariam virados para a W3, que seria uma via de abastecimento de produtos.

Mas, devido a um erro de alguns engenheiros da Novacap, o primeiro bloco da W3 foi construído ao contrário. Ou seja: os fundos virados para a W2. Quando perceberam o engano, já era tarde demais. Todo mundo corria contra o tempo para entregar Brasília no prazo e não era viável demolir o prédio e fazer de novo do jeito certo. Então construíram todos ao contrário, mesmo. (Histórias de Brasília, 2017)

Ladeada por quadras residenciais (enumeradas como 700) e ocupadas por casas de funcionários públicos transferidos para a capital; e quadras comerciais (enumeradas como 500) para onde começaram a migrar os comerciantes antes instalados na Cidade Livre. A avenida W3 é mais antiga que a própria cidade. Uma combinação entre pioneirismo e funcionalidade qualificou por quase duas décadas essa via como a mais badalada, transitada e importante da capital federal. (REVISTA ENCONTRO, 2013).

Já o lado Leste da cidade (L), em contrapartida ao lado Oeste (W), na concepção de Lucio Costa, a sua função foi mais lúdica, localizada entre as “quadras singelas contíguas ao setor das embaixadas”, conforme descreveu o arquiteto em seu projeto. A L2 é, portanto, a segunda via, em afastamento, a leste do Eixo

Rodoviário. Não tão badalada quanto a W3, se consolidou ao longo dos anos como uma avenida de deslocamento, que abriga essencialmente colégios, instituições de ensino e centros clínicos.

As superquadras surgiram na concepção de Lúcio Costa como uma área residencial, criando uma “sequencia contínua de grandes quadras dispostas (...) em ambos os lados da faixa rodoviária”, escreveu e complementou:

emolduradas por uma larga cinta densamente arborizada, árvores de porte, espécie vegetal, com chão gramado e uma cortina suplementar intermitente de arbusto (...) “Dentro destas superquadras os blocos residenciais podem dispor-se de maneira mais variada, obedecendo porém a dois princípios gerais: gabarito máximo uniforme, talvez seis pavimentos e pilotis e separação do tráfego de veículos do trânsito de pedestres, mormente o acesso à escola e às comodidades existentes no interior de cada quadra”. (COSTA, 1991, p.24).

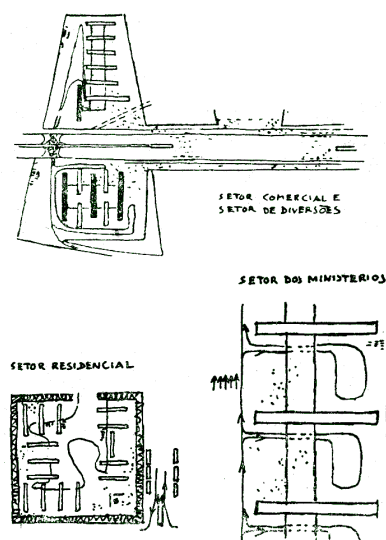


Figura 02

“A proposta de Brasília mudou a imagem de ‘morar em apartamento’, e isto porque morar em apartamento na superquadra significa dispor de chão livre e gramados generosos contíguos à “casa”, numa escala que um lote individual normal não tem possibilidade de oferecer.” (COSTA,1989)

Para o planejamento das edificações, foi convidado o arquiteto Oscar Niemeyer, que assumiu o Departamento de Arquitetura e urbanismo da companhia

urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap). Niemeyer estudou cuidadosamente a escala, os volumes e as formas de prédios e palácios e, como ele mesmo definiu, esperava causar ao olhar dos observadores a impressão de movimento das estruturas.

1.5 Brasília – quem te viu e quem te vê. Anos 1980.

Sophia Beal, Doutora em estudos brasileiros e portugueses e professora da University of Minnesota, Minneapolis, em um estudo sobre Brasília em seu artigo “A arte de andar nas ruas de Brasília”, faz uma análise sobre a forma como o brasileiro se relaciona com a cidade e suas peculiaridades e fala:

O Distrito Federal vem sendo remodelado pelos seus habitantes de formas mais sutis desde a sua inauguração. Com efeito, o impacto de Brasília é tão profundo, visceral e difícil de localizar que se tornou um dos temas preferidos dos artistas”. (BEAL, 2015)

Em seu artigo, Beal ressalta ainda a apropriação que os cidadãos fazem das peculiaridades de Brasília e cita o poeta Nicolas Behr como um “mestre no uso dos jogos de palavras para subverter taticamente as estratégias oficiais de Brasília (...). Ele usa essa estratégia em seus —poemas de Brasília, termo de minha autoria para designar sua vasta obra sobre a capital”, (BEAL, 2015).

Behr toma as siglas, nomes de rua e palavras específicas de Brasília e despe-os de sua lógica, transformando-os em algo pessoal, emotivo, cômico ou carnal. Essas táticas frequentemente se dão sob a forma de chistes, como o poema —SQS OU SOS?, presente em Iogurte com farinha: SQS ou SOS? Eis a questão! (Behr, 2007, p. 66 *apud* BEAL, 2015)

Para quem mora em Brasília desde os anos 1980, a copleensão das principais vias citadas por Behr em seu poema tem diferentes leituras se considerado o lapso de tempo de trinta anos que separa a década de 1980 dos tempos atuais. Foi realizada uma pesquisa por meio da internet para colher as impressões que moradores de Brasília teriam sobre as avenidas da capital federal.

Em pesquisa realizada online por meio da ferramenta Google.docs, 47 pessoas responderam ao questionário que perguntava sobre as impressões que cada um tinha sobre as avenidas e locais citados por Nicolas Behr em seu poema - objeto de estudo deste Trabalho (W3, L2, Eixos e superquadras) -. Levando em conta a época em que o poema foi escrito, década de 1980, foram feitos dois questionários, um para que cada entrevistado expusesse suas impressões sobre as avenidas há trinta anos, e outro sobre a leitura que fazem atualmente dos mesmos lugares.

A pesquisa questionava também se os entrevistados haviam morado na década de 1980 em Brasília e se ainda moravam na cidade. Aqueles que não moravam à época e os que, moravam e não estão mais na capital, responderam apenas às perguntas relacionadas ao tempo em que estiveram em Brasília. A maioria que respondeu (mais de 90%) morou e ainda mora na capital.

O questionário foi colocado no ar em março de 2018, obteve 47 respostas, sendo que a maioria, 80.9% dos entrevistados declararam que moravam em Brasília no período em que o poema foi produzido, e, 83% ainda moram na capital. Entre as perguntas apresentadas foi feito um corte por faixa etária e a maioria, 78,7%, informou ter entre 35 e 55 anos, justamente uma parcela que coloca estas pessoas como adolescentes nos anos 1980. 14,9% informaram ter entre 55 e 64 anos e o restante, acima de 65 anos.

A percepção dos entrevistados revelou que a avenida W3, por exemplo, tinha na época, um peso grande na dinâmica da capital federal, principalmente, no que se refere ao comércio. “Uma avenida viva, com muitas lojas e serviços relevantes”, declarou um dos entrevistados. “Principal rua de comércio” ou “Um shopping a céu aberto”, como declararam outros. De um modo geral, a leitura que os moradores de Brasília fazem da W3 àquela época era de uma avenida “viva”, “intensa”, “movimentada” e “útil”.

Em contrapartida, a avenida L2 despertava nas pessoas uma ideia de tranquilidade, um local “quase deserto”, “Tudo muito sossegado com trânsito livre” ou simplesmente uma “importante ligação entre as Asas”. A L2, menos glamourosa do que a W3, na concepção dos entrevistados, era um local e “onde tinham as escolas e igrejas”, “praticamente inóspita” e de trânsito tranquilo. A referência quanto a um

espaço para escolas e igrejas, foi citada por vários entrevistados e muitos também classificaram a via como “deserta”, “vazia e sem carros” e “pouco movimentada”.

Os eixos rodoviário e Monumental, que na concepção de Lúcio Costa em seu relatório definiu como “dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz” , tinha, na concepção dos entrevistados, nos anos 1980, um ar “imponente”, com a “passagem do presidente na faixa central” – no caso do eixo rodoviário. Considerados espinhas dorsais da Capital do país, os eixos foram classificados como amplos, “espaçosos”, “principais vias de locomoção” e “charmosos, abertos à liberdade”.

A percepção de que os eixos possuíam um trânsito livre foi quase unanimidade entre os entrevistados que chegaram a mencionar que os eixos foram a “melhor ideia do Lúcio Costa e do Oscar. Facilitava e agilizava o transcurso”. Assim, o movimento de veículos nestas duas importantes avenidas recebeu dos entrevistados qualidades de “trânsito fluído”, “fácil”, “livre” e “rápido”. O fato de não haver semáforos e de seus cruzamentos inexistentes serem feitos por meio de “tesourinhas”, que facilitam a saída também foi destacado pelos entrevistados.

Diferentemente das avenidas W3, L2 e dos eixos, as superquadras também são referências tipicamente brasilienses, mas concebidas para ser espaço residencial. Um conceito que mudou “a imagem de morar em apartamento”, como definiu o próprio Lúcio Costa e que é tida como “a mais importante contribuição de Brasília à história do urbanismo mundial”, segundo Carlos Madson Reis, Superintendente do Iphan DF.

De acordo com ele, Lúcio Costa concebeu “uma nova maneira de morar em área urbana, estruturada no que ele denominou de escala residencial ou cotidiana” e rompeu “com a estrutura do quarteirão convencional, abrindo-o e transformando-o em um amplo bosque entremeado por blocos residenciais multifamiliares, de até seis pavimentos em pilotis livres” e complementou:

Essa proposta, passados 56 anos, não só foi assimilada e valorizada pela população, como se tornou um componente urbanístico indissociável da cidade. Falar em superquadra é falar de Brasília. (Superquadra de Brasília preservando um lugar de viver, 2015)

O conceito de espaço residencial “parque” urbanizado e arborizado foi assimilado pelo brasileiro e aparece claramente na percepção dos que responderam à pesquisa do Google.docs. “Era adolescente, aquilo era o meu mundo. Pouco saía da Superquadra, só pra ir ao Colégio. Passava o dia lá embaixo com os amigos”, respondeu um dos entrevistados. Para eles, a superquadra era sinônimo de espaço “seguro”, “agregador” e “completo”. Bem ao estilo proposto por Lúcio Costa. Um espaço de “muita convivência coletiva, com muitas crianças brincando ao ar livre”, de “união” e de “convivência entre vizinhos e amigos” onde “toda quadra tinha a sua turma” e propiciava à convivência e “Os pilotis eram a nossa esquina”, definiu um entrevistado.

A partir da pesquisa feita com moradores de Brasília referente a década de 1980, pode-se ter uma indicação do que significava para os moradores do Plano Piloto os pontos citados no poema de Nicolas Behr. A pesquisa foi composta de onze perguntas, questionando inicialmente se o entrevistado havia morado em Brasília na década de 1980, época em que o Poema da Suzana foi escrito. Em seguida, foi pedido que os entrevistados se enquadrarem em uma das faixas etárias propostas, com um corte acima de 35 anos, suficiente para abranger pessoas com idade suficiente para ter morado em Brasília à época.

Depois, foram feitas perguntas específicas relacionadas aos logradouros citados por Behr no poema. A saber:

Como você definiria a avenida W3 naquela época?

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Como você definiria os eixos, naquela época?

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Finalmente, as mesmas perguntas foram feitas com o corte atual:

Você mora em Brasília hoje?

Como você define a W3 hoje?

Como você define a L2 hoje?

Como você define os eixos hoje?

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Para mim, que também fui moradora de Brasília naquela época, as definições postas na pesquisa e as referências citadas coadunam com a lembrança das avenidas W3 e L2, dos eixos e das superquadras.

Em sala de aula, durante atividade proposta na disciplina Versão de Literários, 2º/2017, foi realizado um exercício de interpretação para tentar compreender o poema a partir dos pontos citados pelo poeta. E aqui fica a compreensão do poema desenvolvida em classe. Um exercício que levou à seguinte reflexão das citações de Behr no poema: W3 – uma via agitada e intensa; L2 – uma avenida lúdica e jovial; os eixos – avenidas com aspecto forte, donos de si e seguros; e superquadra – completa. Assim, na interpretação, Suzana estava naquela noite “mais agitada e intensa” do que nunca; toda segura e dona de si; jovial e em deleite; e, no fim das contas, seria completa quando lá na cama do autor.

1.6 Brasília – quem te viu e quem te vê. Ano 2018.

Brasília cresceu, agregou e ultrapassou as fronteiras e ideias inicialmente previstas por seus idealizadores. A capital do país, 58 anos depois, segundo dados da Companhia de Planejamento do Distrito Federal (CODEPLAN), soma 2.906.574 habitantes, sendo quase 10% deles, 210.067, morando no Plano Piloto – Região Administrativa onde estão localizadas as vias, avenidas e superquadras citadas no poema de Nicolas Behr.

A cidade planejada para ser somente administrativa, possui (por exemplo) um dos índices de habitantes por carro, mais altos do mundo, um veículo para cada 2,5 moradores. O projeto inicial de Brasília era de que os deslocamentos entre casa e trabalho fossem feitos de carro, mas que todas as necessidades cotidianas pudessem ser supridas com deslocamentos á pé. Quase seis décadas depois, o que se vê em Brasília é uma espécie de caos urbanos com engarrafamentos lotando as vias largas e planejadas e o comércio sucumbindo a centros comerciais como shoppings centers.

A Avenida W3 perdeu seu posto de via comercial e hoje se ressentido do abandono em vários pontos. A Avenida L2 encheu-se de comércio, escolas e centros

clínicos e hoje é vastamente regulada por sensores de velocidades e semáforos, o que a torna quase caótica nos horários de pico. Os eixos monumental e rodoviário idem.

As superquadras, com seus espaços previamente delimitados, mudaram o seu perfil no que se refere ao pouco espaço para o grande número de veículos e a insegurança que, hoje, impede que crianças e jovens transitem despreocupadamente sob os pilotis dos prédios. A identidade destes espaços foi, ao longo dos 58 anos da capital, sendo definida por aportes e marcas em termos socioculturais. Assim, a superquadra passou por mudanças profundas e vitimou-se pela dificuldade que o poder público e a comunidade têm de conservar os espaços de convívio. As superquadras cresceram e a liberdade de caminhar sob os pilotis, com vãos livres cedeu lugar a cercas vivas e calçadas irregulares e malcuidadas.

A falta de zelo pelos espaços de convívio vai afastando as crianças dos parquinhos, os jovens das quadras de esportes, os mais velhos dos banquinhos de praça. Essa tendência, caso não seja contida e revertida, torna mais distante a utopia bucólica do projeto urbanístico – ser uma cidade-parque. (Superquadra de Brasília preservando um lugar de viver, 2015, p.14)

Na concepção dos entrevistados, a cidade dos anos atuais está longe do que fora na década de 1980. Do universo de entrevistados, 83% ainda residem em Brasília e ao fazer as mesmas perguntas sobre a leitura/ interpretação de cada um em relação às vias mencionadas no poema de Behr, percebe-se uma certa tristeza em relação ao que era a capital do país há 40 anos e ao que ela se tornou.

A avenida W3, por exemplo, tem nas respostas um adjetivo que prevalece: abandonada. A maioria das respostas se refere ao local desta forma. “Confusa, decadente e Moribunda”, são outros utilizados pelos entrevistados para falar da via. Com sua atividade comercial quase largada, e que era o forte da avenida no passado, os entrevistados concordam que, hoje, o local está “relativamente abandonada, com muitas depredações, pichações. muitas lojas vazias para alugar, sem procura”, como definiu um deles.

Em contrapartida, a via L2 aparece com mais viva do que no passado e mais ativa do que a W3 nos dias de hoje. Embora o movimento tenha aumentado, na avaliação dos entrevistados, a avenida está mais setorizada com colégios e clínicas, com melhores opções de comércio por causa das quadras 400 e, muitas vezes, vista

como uma melhor opção de deslocamentos. O caráter bucólico da avenida na década de 1980, portanto, deu lugar, na concepção dos entrevistados a uma avenida mais atuante no cenário brasiliense.

Em relação aos eixos, a principal percepção dos entrevistados nos tempo atuais é do grande movimento de carros e do perigo que estas vias significam para os pedestres. “Continua a ser a avenida expressa exclusiva para carros”, descreve um dos entrevistados. Assim, principalmente percebidos como vias de alta velocidade numa cidade em que o número de veículos cresceu bastante e que o trânsito torna-se “caótico” em momentos de *rush*, com engarrafamentos.

O fato de a via ter começado, em 1991, a ser fechado para os carros nos fins de semana e feriados, para a realização do “Eixão do Lazer”, foi lembrado por alguns entrevistados. Um movimento de lazer que, de certa forma, modificou a leitura que os habitantes do Plano Piloto e demais cidades do Distrito Federal, tem das largas avenidas que marcam Brasília com um “xis”.

A superlotação de carros e a falta de espaço para estacioná-los nas superquadras definem o local para alguns atualmente como uma espaço onde tornou-se difícil transitar e não se vê mais os jovens e crianças circulando e brincando em seus espaços. “Um mini bairro mais frio e com menos vida do que na década de 80”, define um dos entrevistados.

A insegurança também é citada por vários dos entrevistados, embora alguns ainda mantenham a leitura de que o local guarda a missão de ser um espaço único, próximo de tudo e onde é possível acessar serviços básicos, como previsto por Lúcio Costa. “Ainda existem exceções, mas a quadra familiar está acabando, a insegurança é grande, difícil ver jovens e crianças brincando livres e relaxados nas Superquadras”, resume uma das avaliações. A julgar pela análise feita pelos entrevistados, a Brasília de hoje está bem mais complexa e tumultuada do que a dos anos 1980, quando o poema de Behr foi escrito. Uma cidade mais caótica, com suas avenidas cheias de carros e inseguras.

2. O AUTOR E SUA OBRA

2.1 O poeta

Nascido em Cuiabá, em agosto de 1958, Nicolas Behr mudou-se para Brasília, quando tinha 15 anos. Um jovem que, ao chegar à capital na década de 1970 sofreu o impacto da cidade artificial, como ele mesmo definiu Brasília. “O choque com a cidade foi muito grande. A cidade era artificial. O impacto que me fez virar poeta e me fez tentar dialogar com esta cidade, revelou Behr em entrevista feita por esta pesquisadora com o poeta no dia 12 de maio de 2018. O encontro se deu na sede do seu viveiro, Pau Brasília, localizado no Polo Verde - Saida Norte - Brasília-DF e, por mais de duas horas, a entrevista abordou a obra, a vida e o poema de Behr tema deste TCC.

“A cidade me machucou muito e eu machuquei muito esta Brasília. Acho que hoje, a nossa relação é mais domesticada. Mas é conflituosa ainda, e do conflito, que nasce a poesia”, disse Behr.

Um mato-grossense que faz parte de uma geração de poetas concebidos por Brasília e que se deixaram levar pelas características tão peculiares da Capital Federal. Artistas que “se impregnaram pelas características mais marcantes do plano urbanístico. Não há modelo anterior nas grandes metrópoles ou em qualquer outra parte do Brasil”, escreve o jornalista e escritor Carlos Marcelo, na Revista Brasilienses #1, 2004, dedicada exclusivamente ao poeta Nicolas Behr.

Em sua auto definição, Behr costuma repetir que saiu do Mato e caiu na maquete.

Sou filho da terra, nasci em Cuiabá, em 5 de agosto de 1958, mas passei a infância na região de Diamantino, morando na Fazenda São João, na qual fui batizado e, depois, na Fazenda Amolar, atual Fazenda Baronesa. (...) Em 1974, a família mudou-se definitivamente para Brasília (BEHR, 2018, CONTRA CAPA)

Adolescente, recém-chegado à Brasília, Behr queria ser roqueiro, cursou o ensino Médio (à época chamado de Segundo Grau) no Colégio Pré-Universitário e Setor Leste. Participou de passeatas e de manifestações e chegou a ser preso pelo Dops.

Ele imprimia os próprios livros, mimeografados, no formato de folhetos de cordel e os vendia de bar em bar, pelas ruas de Brasília. ‘Chá com porrada’ foi um dos primeiros. “era um representante local da ardente geração dos poetas combativos dos

anos 1970”, escreveu Carlos Marcelo (2004, p.16). Behr ressalta que a sua poesia e a de todos os poetas daquela época em Brasília, “rompeu com a ideia de que o poeta escreve distante da vida, longe do dia a dia. A poesia marginal veio para dar uma bagunçada, tirar o terno e a gravata da poesia. Nós da geração 70 acreditávamos e ainda acredito um pouco na atitude como parte do poema” (2018, p.17).

“AVISO AOS NAVEGANTES: Sou filho da bem nutrida classe média, conservadora e católica”, escreveu Behr, em *Iogurte com Farinha*, livrinho mimeografado, de 23 de setembro de 1977, vendido por ele de bar em bar e que, na capa, já trazia a advertência: Leia antes que azede. Os versos da publicação caseira fazem parte de sua primeira fase poética, de acordo com a classificação feita por FURIATI, Gilda Maria Queiroz, em pesquisa de mestrado intitulada *Brasília na Poesia de Nicolas Behr: Idealização, utopia e crítica*, 2012. De acordo com Furiati, a poesia de Behr foi dividida em três fases, separadas em capítulos em sua pesquisa de mestrado:

Foram selecionados, em cada um dos períodos de tempo, os livros de poemas que fazem referência ao projeto do plano piloto, à construção ou às vivências cotidianas da cidade de Brasília. As fases serão analisadas respectivamente nos três capítulos seguintes:

Capítulo I (1ª fase - de agosto de 1977 a novembro de 1980)
- Imagem projetada do espaço de Brasília. Livros: *Iogurte com farinha*, *Grande circular*, *Brasiléia desvairada*.

Capítulo II (2ª fase - de 1993 a 1997) - Tempo social, história e utopia da cidade. Livros: *Porque construí braxília*, *Beijo de hiena* e *Segredo secreto*.

Capítulo III (3ª fase - de 2001 a 2004) – Crítica e desconstrução do discurso mítico. Livro: *Braxília revisitada Vol I*. (FURIATI, 2012, p.14)

Em 1978, Behr lançou dois outros livros: *Caroço de Goiaba* e *Grande Circular*. Este último, uma alusão direta à linha de ônibus existente em Brasília e que perdura até os dias de hoje, fazendo o percurso que abrange as vias W3 e L2, de Norte a Sul. Na capa do *Grande Circular*, a frase esclarecia: Poemas com sabor bem Brasília. E assim é Nicolas Behr, um poeta com sabor bem Brasília.

Todos os erros
de Brasília
são meus

tolerar
outras brasílias
e explodir apenas
a cidade
onde a palavra
mágica é tabu:
abracadabraxília

quero a dor
dessa cidade
pra mim

dor
é palavra
não dita (BERH, 2017)

Nicolas Behr participou e viveu vários movimentos culturais da capital federal, na década de 1980, participou da tentativa de formação de um movimento pela Dinamização da Cultura Candanga (CUCA), que pretendia mapear o potencial criativo do Distrito Federal.

Como poeta, Behr teve o reconhecimento e a crítica da imprensa. Entre as décadas de 1970 e 1980 produziu nove livros. E foi justamente nesta época que escreveu o poema de Suzana. “Acredito que este poema surgiu pela primeira vez no livro L2novesforaW3”, disse, tentando se recordar. “Era um livrinho mimeografado também, daquela época em que fiz este poema. Eu deveria estar em casa na 415 (SQS), onde eu morava, foi uma época muito criativa da minha vida, de 77 a 80. Acho que dos anos mais criativos da minha vida”, relembra.

Foi preso pelo DOPS em 1978, sob a alegação de possuir e divulgar material pornográfico. “Prova do delito: livrinhos mimeografados contendo conteúdo obsceno, de autoria do acusado. Não ofereceu resistência ao receber voz de prisão”, escreveu Carlos Marcelo (2004). No Volume I, da coleção Brasilienses, o jornalista conta que um dos agentes comemorou com os colegas o sucesso da missão de prender Behr. “Estouramos um aparelho na 415 sul”, referindo-se ao apartamento onde o poeta morava à época. O matéria recolhido pelos agentes? 51 livretos da publicação Iogurte

com Farinha, 572 exemplares do Chá com Porrada, 208 do Grande Circular e centenas de livretos mimeografados (2004).

Impedido de publicar por ordem judicial, entre agosto de 1978 e março de 1979, escreveu uma série intitulada O que me der na telha, com poemas impressos em telhas frescas.

Na década de 1980, Nicolas Behr começou a trabalhar como redator em agências de publicidade e fundou o Movimento Ecológico de Brasília (MOVE), a primeira Organização Não Governamental ambientalista da Capital Federal. Esta foi uma época mais voltada para o seu hobby voltado para a natureza. Trabalhou na Fundação Pró-Natureza (FUNATURA) e abriu o viveiro de plantas Pau-Brasília, situado no Polo Verde de Brasília. “Planta e poesia, para mim, é tudo terapia. As duas me ajudam a enfrentar a ansiedade. É ótimo, para mim”, diz Behr (2004, p. 49).

Casado há 32 anos com Alcina Ramalho, Behr tem três filhos: Erik, Klaus e Max (estes dois últimos gêmeos). “O problema da Suzana (do poema) é Alcina. Tenho que fazer um poema dizendo – Suzana, teu nome é Alcina! Já esta gravando?”, assim Behr começou a entrevista feita com esta pesquisadora para falar do poema que fala de Brasília e de uma ex-namorada e que neste trabalho será “desdobrado”, como o próprio Behr preconizou em busca da sua melhor ou mais possível tradução.

2.2 – O Poema

Nicolas Behr publicou uma quinzena de livretos mimeografados e outros 26 editados, numa trajetória de palavras e poesias que registram sua relação com a capital do país, Brasília. Cidade que conheceu quando nela chegou aos 15 anos. Ao longo de mais de quatro décadas na capital imprimiu sua marca na cena cultural, com suas impressões bem definidas, algumas vezes contraditórias de amor e ódio pela cidade.

Como escreveu o jornalista Carlos Marcelo, “Nicolas já está incorporado ao inconsciente coletivo da cidade, é uma figura quase onipresente, uma pichação de carne e osso”, (2004, p.33). Em seus poemas, a marca de Brasília é um traço também ‘quase onipresente’ delineando seus poemas - como o traço de Lucio Costa definiu as curvas das Asas, as retas dos eixos, as voltas das tesourinhas.

Tô namorando
Uma sigla
MSPW
Conhecem?
Uma gracinha
De sigla
Ela é minha
Emepêdabelhuzinha (BEHR, 2003)

O poeta mato-grossense escreve sobre vias, avenidas, lugares que somente Brasília possui e quem a conhece é capaz de entender, visualizar e identificar. “SQS ou SOS?/ Eis a questão!”, escreveu em Iogurte com Farinha. Poemas que trazem esta marca da capital que representam os endereços peculiares da cidade, que, dividida em setores, é representada por siglas. E são as siglas, e a referência às ruas e avenidas de Brasília, que ditam a estética do poema de Suzana.

O ‘poema de Suzana’ escolhido para este TCC é assim chamado pelo autor , segundo ele próprio, por não possuir um título, e está ligado à primeira fase criativa de Behr. Ele explica que o poema foi escrito na década de 1980 e que “já nasceu pronto”, disse.

Behr explica que Suzana é alguém real e que foi uma moça que namorou durante a adolescência. “Nunca mais a vi, há muito perdi o contato. Muitas vezes, as pessoas chegam para mim em eventos, dizendo ‘eu sou Suzana’. Claro que é. Me mostram a identidade (até), só que uma Suzana com ‘S’, mas está valendo”, diverte-se.

As qualidades de Suzana numa determinada noite brasiliense são descritas no poema de maneira que as formas das moça e os traços e curvas de Brasília se encontram na atitude de Suzana que

naquela noite Suzana
estava mais W3
do que nunca
toda eixosa
cheia de L2

Suzana,
vai ser superquadra
assim lá na minha cama

As palavras e a cadência do poema traduzem a sensualidade de uma mulher mixada à erotização de Brasília.

Percebe-se ainda nesta fase inicial que o poeta-sujeito vê o projeto de Lúcio Costa de forma inspiradora e até amorosa (a sensualidade de Suzana é inerente ao desenho do plano piloto), criando uma relação idílica com o universo da cidade. Com a análise dos versos verifica-se uma total identificação do sujeito-morador (e ainda ingênuo) com a cidade edificada em concreto pelos urbanistas modernistas.(FURIATI, 2012, p.76)

O poema se eternizou na cena cultural de Brasília, anos depois, por volta dos anos 2000, teve seus versos expostos em local público para que a população o pudesse ler toda vez que caminhasse pela W3 sul, à altura da quadra 506. Nas paredes da Biblioteca Demonstrativa, em técnica de mosaico, foi impresso na lateral do prédio, voltado para a rua, com uma boa visão para quem passa pelo local – dentro dos carros ou caminhando. “Foi para lá em 2001./2002 nesta técnica bizantina que é o mosaico, que o poema foi colocado. Tem boa leitura e está ao lado de outros poemas igualmente importantes para Brasília. Estou junto de Cassiano Nunes!”, exalta e complementa: “só de cem em cem anos que acontece um poema destes”, reflete.

Behr avalia ainda que o local escolhido para expor publicamente seu poema e de forma quase que definitiva (a Biblioteca Demonstrativa entrou em reforma, em 2014, e desde então “Suzana” saiu de suas paredes) foi privilegiado. “Eu fui feliz porque ele foi colocado na subida e as pessoas param e podem ler. Ali está perto da W3. ‘Mais W3 do que nunca...’”, divaga.

Ele conta que certa vez estava no local, parado no sinal, e um motorista parou o carro atrás dele. “Ele me reconheceu, desceu do seu carro, bateu no vidro o meu e falou: é o seu poema! Disse isso e foi embora”, ri.

Nicolas Behr confessa que nunca parou para fazer uma análise do poema da Suzana, que segundo ele, já saiu pronto e repete: “é uma daquelas coisas que acontecem somente a cada cem anos”. Numa tentativa de analisar suas próprias palavras escritas no poema relata: “É uma tentativa de *erotizar* a maquete em ultima

análise. O poema tem uma carga erótica muito forte, uma pulsão erótica forte, e eu acho que o sucesso dele está nisso, além da sua linguagem”, diz.

Embora ressalte que, para ele, um poema não precisa de explicação e aproveite para citar Mario Quintana “que dizia se o poema precisa ser explicado, um dos dois é burro, ou o leitor, ou o autor”, Behr reconhece que seu poema “não precisa de explicação, mas pode ser desdobrado como está sendo feito agora. Ele é desdobrável”, aceita. Na tentativa de ele mesmo destrinchar seus próprios versos, se questiona: colocar a frase ‘mais w3 do que nunca’ o que isso significa?

“A W3 é uma linha reta. É uma avenida que aos poucos a Suzana vai humanizando. Acho que a Suzana tem o papel de humanizar aquela linha reta”, analisa e prossegue em sua tentativa de, também ele, o autor, desdobrar o poema: “Toda *eixosa*, o que isso quer dizer? Rima com gostosa, ou outra coisa... Cheia de L2. É você dar a uma localidade (a L2), uma qualidade, uma adjetivação, como se a via fosse um sentimento – cheia de ternura, ou cheia de tesão. A L2 vira outra coisa. Engraçado, nunca fiz esta interpretação, nunca ninguém me perguntou”, diverte-se. E, finalmente declama: vai ser superquadra lá na minha cama.

“Isso quer dizer, coloca, a superquadra como um bloco, uma coisa quadrada, racional, seria como poder levar um bloco para a cama, aquela coisa dura, fazer amor ou ter uma relação sexual com um bloco, uma superquadra!”, e complementa: “eu acho que é isso! Volto à história da humanização da maquete. Humanizar ou erotizar a maquete e ver nesta racionalidade que Brasília tem, um ponto erótico, porque o erótico não é racional, é emotivo, é sentimental, é incontrollável, é imprevisível e Brasília (em contraponto) é muito previsível, né?”, indaga.

Behr explica que Brasília é uma cidade previsível, porque tem setores. “O erótico quebra essa racionalização de Brasília, porque ele não é racional e o poema é essa tentativa de erotizar Brasília - o Plano (Piloto), a W3, a Superquadra. Tem uma pulsão erótica neste poema”, repete.

3. TRADUÇÃO DE POESIA

O ato de traduzir versa sobre estar entre dois mundos e fazer uma espécie de ponte entre o autor e o leitor, levando em conta que há vários fatores que são levados

em conta no momento da tradução de um texto, mais ainda se este for literário. A literatura traz em seu escopo uma necessidade grande de o tradutor entender o contexto da peça a ser traduzida. É um trabalho que difere bastante da tradução de outros gêneros de textuais.

Meschonnic (2010) faz uma reflexão sobre a tradução, de um modo geral, quando propõe a figura de um barqueiro. Figura escolhida para representar o tradutor, levando a crer que o que importa não é fazer passar, mas como chega ao outro lado o que foi transportado.

O tradutor é representado como um barqueiro. Barqueiro é uma metáfora agradável. O que importa não é fazer passar. Mas, em que estado chega o que se transportou para o outro lado. Na outra língua, Caronte também é um barqueiro. Mas, ele faz atravessar os mortos. Aqueles que perderam a memória. É isto que acontece a muitos tradutores. (MESCHONNIC, 2010. p.25)

O barqueiro de Caronte, citado por Meschonnic, transporta as almas dos mortos, uma metáfora que ressalta o produto final, salientando o que saiu de um lado e o que chegou ao outro, dependendo dos fatores que poderiam interferir na travessia e que não poderiam e nem deveriam ser ignorados. Atravessar, para Meschonnic, no âmbito tradutório não significa repassar o texto de qualquer maneira. E a travessia, seria, ainda, uma forma não de matar o texto, mas de lhe dar outra vida.

Há vários tipos de tradução, de acordo com os diferentes gêneros textuais. Essas podem ser classificadas em científicas, jurídicas, técnicas ou literárias, para citar algumas. Pode-se dizer que a tradução literária, foco deste trabalho, exige do tradutor práticas mais subjetivas, como a interpretação, a imaginação e a criatividade, que se caracteriza por sua função fundamentalmente poética. Para Roman Jakobson (1973a, p.72) traduzir poesia é missão quase impossível, pois “a poesia, por definição, é intraduzível. Só é possível a transposição criativa: transposição intralingual – de uma forma poética a outra”.

Assim, transportar um texto pelas águas da tradução mostra-se muitas vezes como um desafio que toma proporções diversas quando se trata de manter ou não a presença do tradutor ou sua invisibilidade. Melhor, quando é posto o dilema: o tradutor deve fazer um trabalho tão perfeito que o leitor não percebe sua presença e lê

a obra como se original o fora, ou, deve deixar sua marca e indícios de que o texto passou pela leitura/interpretação de quem o transportou de uma margem à outra do rio e dessa forma carregar consigo as marcas do entendimento/interpretação do ‘barqueiro, transportando em seu bojo a sua vivência, o seu conhecimento, e a experiência e a cultura próprias?

Este dilema se define bem nas palavras de Schleiermacher sobre os caminhos pelos quais o tradutor deve enveredar se quiser aproximar o autor do leitor duas pessoas tão distantes:

Mas, agora, por que caminhos deve enveredar o verdadeiro tradutor que queira efetivamente aproximar estas duas pessoas tão separadas, seu escritor e seu leitor, e propiciar a este último, sem obrigá-lo a sair do círculo de sua língua materna, uma compreensão correta e completa e o gozo do primeiro? No meu juízo, há apenas dois. Ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa o mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro. (SCHLEIERMACHER 1813 in HEIDERMANN 2010: 57-59, *apud* HORNBY)

Lawrence Venuti foi um dos estudiosos que se debruçaram justamente sobre a questão da autoria do tradutor aliada a um posicionamento mais crítico. A partir dos anos 1960, a autoria do autor entrou na pauta de debates e começaram a surgir trabalhos e abrir espaço para discussões entre dilemas autor/tradutor, original/tradução, tradução fiel/tradução livre.

A partir deste momento de discussões acaloradas, surgem caminhos para se debater a maior ou menor proximidade do tradutor com o texto original. Ou o tradutor segue à risca o texto como fiel escudeiro ou o reescreve, conforme sua linha, optando pela reescrita criativa ou domesticação ou estrangeirização.

No caso da tradução de poesia, Roman Jakobson (1973a, p.72) é pragmático e fala de antemão da impossibilidade de traduzi-la: “A poesia, por definição, é intraduzível. Só é possível a transposição criativa: transposição intralingual – de uma forma poética a outra”. (*Apud* FALEIROS, 2015).

No Brasil, quando se fala em Reescrita Criativa, Haroldo de Campos foi um dos primeiros autores brasileiros a tratar do tema, com a teoria da transcriação, dando início às primeiras teses sobre a tradução poética no Brasil. Para Campos, a tradução poética deve superar a fidelidade ao significado. De acordo com ele, o aspecto formal

“é tão relevante a ponto de justificar deslocamentos semânticos que projetam o texto para outros campos imaginários” (FALEIROS, 2015), e reconhece na função poética de Roman Jakobson elementos que justificam sua escolha.

Então, para nós, tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação. Numa tradução dessa natureza não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma [...]. O significado, o parâmetro semântico, será apenas e tão-somente a baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora (CAMPOS 1967: 24, *apud* BASTOS, 2012).

Haroldo de Campos descreve a forma do poema como “modo de intencionalidade” e explica que traduzir esta forma em uma obra

(...) quer dizer, em termos operacionais, de uma pragmática do traduzir, recorrer o percurso configurador da função poética, reconhecendo-o no texto de partida e reinscrevendo-o, enquanto dispositivo de engendramento textual, na língua do tradutor (CAMPOS 1981: 181, *apud* BASTOS, 2012).

A verdade é que o texto poético “trabalha com a linguagem em todos os seus níveis – semânticos, sintáticos, fonéticos, rítmicos, entre outros”, como cita Paulo Henriques Britto (2002, p. 54). Segundo ele, cabe ao poema se articular em todos, ou pelo menos, vários destes níveis, para que possa alcançar seu “conjunto harmônico de efeitos poéticos”, aqui entendidos como aqueles que se referem tanto à forma quanto semântico. E Bastos acrescenta que “o tradutor deve discernir quais são suas características mais marcantes e se concentrar nestes elementos (2012). Assim levar em consideração e fazer escolhas sobre aspectos como “perdas”, correspondência funcional ou formal.

tradução funcional é aquela mais preocupada com que a tradução funcione em um determinado contexto tradutório, em determinada língua. A tradução formal, ao contrário, é aquela que vai se apegar mais à forma, e o problema é que uma mesma forma pode ter

conotações muito diferentes em diferentes línguas. (BASTOS, 2012, p. 182)

As características formais de um poema podem parecer mais óbvias, defende Britto, quando se trata de poesia com formas fixas. Mas, também é necessário dar atenção à tradução do verso livre no que se refere à forma, “uma tarefa que se torna ainda mais difícil por ser necessário, antes de mais nada, determinar *qual* é a forma, não sendo ela previamente dada”, (BRITTO, 2010).

Além de pensar na forma e na reescrita criativa, existem opções de tradução que ou bem privilegiam o texto original, ou bem se enveredam pela criatividade, história e experiência do tradutor que termina por promover a domesticação da peça, se aproximando de uma reescrita criativa.

A domesticação teria, por definição, a atribuição de aproximar o leitor de tal forma da obra traduzida a ponto de parecer (a ele) que estaria diante de um original. Um movimento por muitos criticados, pois promove de certa forma a ‘invisibilidade’ do tradutor. O que não ocorreria, por exemplo, numa tradução estrangeirizadora, que mantém características e referências do texto de partida, levando o leitor a perceber que esta diante de uma obra traduzida.

Autores, como Venuti advogam pela “visibilidade” do tradutor “através da estrangeirização, por meio do uso de arcaísmos e uma organização sintática peculiar que permitam que a estrangeiridade do texto de partida seja mantida” (HORNY, 2012)

A estrangeirização, por sua vez, registra as diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro (VENUTI, 2008, p. 15).

Por isso mesmo Venuti também se refere ao método estrangeirizante como uma estratégia de —resistência, por ser um estilo de tradução que foge à fluência e cria distanciamento, com vistas a tornar visível a presença do tradutor ao ressaltar a identidade estrangeira do texto-fonte e resguardá-la da dominação ideológica da cultura receptora. (MARTINS, 2010)

Como o barqueiro, cabe ao tradutor escolher os caminhos que irá escolher para levar o texto pelas águas da visibilidade ou invisibilidade, se aproximando ou se distanciando, domesticando ou estrangeirizando o texto. Instrumentos que tem à mão para poder realizar a tradução da melhor forma possível. Afinal, essa é a intenção do

tradutor/barqueiro: levar ao leitor, que está na outra margem, um texto traduzido capaz de repassar a mensagem do original.

4. TRADUÇÃO DO POEMA

O poema escolhido para este trabalho, reflete bem o espírito ‘behriniano’ de ser. Em sua poesia, o poeta faz uso da linguagem coloquial, que é uma marca em seus textos e tem sempre como referência as marcas e características de Brasília – material prima para a criatividade do poeta, como bem define Filipe Bitencourt Manzoni, em sua dissertação de mestrado, *Quatro poetas quatro cidades* (2014).

O poeta parece eleger um conjunto de palavras que remetem a um todo orgânico, entre arquitetura, estrutura burocrática e concepção geométrica do espaço, ao qual sua poesia parece sempre se contrapor como alternativa marginal e subversiva. (MANZONI, 2014)

No caso do poema de Behr, por ele mesmo nominado como ‘o poema da Suzana’ em relação à sua forma e à utilização das palavras, pode-se observar que não há trechos de difícil tradução, como alerta Fernanda Frio em seu artigo ‘As fronteiras entre tradução e adaptação: da equivalência dinâmica de Nida à adaptação de Garneau’ “aqueles em que se encontram trocadilhos, por exemplo, o tradutor poderia servir-se de uma nota de rodapé, recurso também passível de ser utilizado na tradução das expressões idiomáticas cujo significado não fosse evidente” (2013, p.19).

Aqui, procurou-se manter a equivalência formal por meio da reprodução, como cita Frio, “de elementos formais do texto, ou seja, da reprodução de sua estrutura e unidades gramaticais. Assim, seriam preservadas as frases e orações” (2013), preservando a “composição dos parágrafos e utilização da pontuação”. No caso do Poema da Suzana, o maior desafio são os topônimos, pois a estrutura do texto pode ser preservada no texto de chegada igualmente como se apresenta.

A utilização de topônimos - nomes próprios de lugares – se coloca normalmente como um desafio para o exercício da tradução. O dilema do tradutor transita normalmente entre mantê-los na forma original ou traduzi-los ou adaptá-los para o texto de chegada. Outra alternativa seria suprimi-los para facilitar a leitura, ritmo e/ou compreensão do texto.

A Tradução de Topônimos firma-se como uma questão delicada, pois não está somente relacionada à linguística. A carga cultural contida em um topônimo vai muito além do campo lexical. Os motivos pelos quais as cidades, países, ruas, casas comerciais, entre outros locais tem determinado nome são diversos. (BATISTA, 2013)

No caso do poema em análise neste trabalho, as referencias são a base do texto. Nicolas Behr cita avenidas de Brasília com característica próprias e a o autor “se mostra como um projeto de sufocamento da experiência corporal da cidade” (MANZONI,2014). Como definiu o próprio Behr, o poema evoca a ‘erotização da maquete’.

Os topônimos citados no ‘Poema da Suzana’ aparecem em outros poemas de Behr como por exemplo

L2 é pouco
W3 é demais
quando estou muito triste
pego o grande circular
e vou passear
de mãos dadas
com o banco

ou

Alguma coisa acontece
no meu coração
que só quando cruzo
a W3 L2 sul
ou eixão

Neste trabalho, optou-se pela tradução do poema sob os vieses estrangeirizador, domesticador e a reescrita criativa, interlingual, ressaltando-se toda a problemática de uma tradução que evidencia uma opção sobre a outra. Na estrangeirizadora, por exemplo, será mantida, a “identidade estrangeira do texto-

fonte” (BATISTA, 2013), principalmente no que se refere aos topônimos – traço característico do poema.

4.1 Tradução estrangeirizadora

Os topônimos W3, L2, superquadra e eixosa, este último num movimento de neologismo do autor que criou uma palavra que deriva do nome das principais vias que cortam Brasília, formando uma cruz: os eixos. Na versão estrangeirizante, portanto, a escolha foi por manter os nomes desta vias exatamente como estão postos no poema.

Nos versos, ‘estava mais W3 do que nunca; cheia de L2;’, a escolha (estrangeirizante) foi por manter os nomes originais das vias já que se tratam de uma particularidade da Capital Federal, que é o uso de siglas para dar nome a ruas e avenidas. No caso de superquadra, que não é uma via, mas uma espécie de bairro, a referencia original também foi mantida, por se tratar (também) de uma característica de Brasília.

Por meio de notas explicativas, foi feita a explicação para que o leitor possa se situar em relação aos nomes das vias e do bairro citados. Entretanto, em relação ao trecho ‘toda eixosa’, percebe-se que a palavra ‘eixosa’ trata-se de um claro neologismo do autor que deu ao nome da via (Eixão) uma característica, adjetivando-a. A escolha feita na tradução estrangeirizadora, para manter a coerência e a linearidade com o original, foi, também, lançar mão do neologismo na tradução e criar uma nova palavra também no texto de chegada. .

Para tal, realizada a opção pelo sufixo ‘osa’ na versão em espanhol se baseando nos critérios definidos por La Nueva Gramática de La Lengua Española, da Real Academia Española, a utilização de este tipo de sufixo – oso / osa -,

típicamente cualitativos (como acuoso, en mundo acuoso) expresan la Idea de que el concepto designado en la base nominal del adjetivo (agua´ en este caso) permite caracterizar cierta propiedad de la noción a la que se desea atribuir (´el mundo´ en este ejemplo). Así pues, la expresión ´mundo acuoso´ designa un mundo que contiene agua, que está hecho de agua o que resulta semejante al agua (RAE, 2018)

Posto isso, a tradução, embora estrangeirizadora, também primou pela adaptação do neologismo em português para também uma nova palavra em espanhol que seguisse as regras de sufixação na língua de chegada. A tradução estrangeirizadora ficou, então, da seguinte forma:

T.O.	T.T.
naquela noite suzana estava mais W3 do que nunca toda eixosa cheia de L2 suzana, vai ser superquadra assim lá na minha cama	aquella noche suzana estaba más W3 ¹ que nunca toda ejosa ² llena de L2 ³ suzana, sé supercuadra ⁴ así allá en mi cama

¹ A Avenida é mais antiga que a própria cidade. Uma combinação entre pioneirismo e funcionalidade qualificou por quase duas décadas essa via como a mais badalada, transitada e importante da capital federal. (REVISTA ENCONTRO, 2013).

² Uma referência clara aos Eixos de Brasília, a palavra eixosa dá uma qualidade às avenidas centrais foram batizadas de eixos, cada um com uma função bem definida: no Eixo Rodoviário para os moradores e no Eixo Monumental, os prédios do governo. – Norte e Sul – conforme a localização, e o seu propósito - monumental e rodoviário.

³ Segunda via, em afastamento, a leste do Eixo Rodoviário. Uma avenida onde prevalece a presença de escolas, centros médicos e residências.

⁴ Área residencial, que cria uma “sequencia contínua de grandes quadras dispostas (...) em ambos os lados da faixa rodoviária”, escreveu e complementou: “emolduradas por uma larga cinta densamente arborizada, árvores de porte, espécie vegetal, com chão gramado e uma cortina suplementar intermitente de arbusto.

4.2 Tradução domesticadora interlingual

4.2.1 Barcelona - Espanha

A tradução interlingual é conhecida como a ‘tradução propriamente dita’, quando ocorre entre diferentes idiomas. Neste trabalho, a opção pela tradução interlingual foi pela versão do poema da Suzana do português para o espanhol. Primeiramente, o espanhol da Espanha, onde o texto de chegada será ambientado na cidade de Barcelona.

Capital da comunidade autônoma da Catalunha no Reino de Espanha, bem como o segundo município mais populoso do país, com uma população de 1,6 milhão dentro dos limites da cidade.[2] A sua área urbana se estende para além dos limites administrativos da cidade com uma população de cerca de 4,7 milhões de pessoas,[3] sendo a sexta área urbana mais populosa da União Europeia, depois de Paris, Londres, Madri, Ruhr e Milão.[4] É a maior metrópole do Mar Mediterrâneo, localizada na costa entre as foz dos rios Llobregat e Besòs, e limitada ao oeste pela Serra de Collserola, cujo pico mais alto é de 512 metros de altura. (WIKIPÉDIA, 2018)

Foi feita uma busca pelas principais vias e avenidas de Barcelona, por meio da internet e de guias turísticos para que se pudesse alcançar uma melhor ambientação e correlação entre o poema de Behr e o texto de chegada. A escolha foi por procurar manter a forma do poema, sua cadência/ritmo, e realizar a travessia do idioma original para o de chegada de uma maneira mais suave e que proporcionasse melhor entendimento ao leitor meta.

Para fazer a correlação entre as vias de Brasília citadas no poema e as possíveis alternativas para as vias de Barcelona, considerou-se a interpretação que o próprio autor fez sobre as vias mencionadas em seu poema, pesquisa realizada por meio do Google.docs com moradores de Brasília, e, ainda, foi solicitada a contribuição de uma moradora de Barcelona, brasileira, Juliana Silva, que nasceu em Brasília e há mais de dez anos vive na cidade espanhola.

A pesquisa e o levantamento mencionados no parágrafo anterior serviram para embasar as escolhas feitas na hora de fazer a tradução dos topônimos citados no poema em análise. A saber: W3, L2. Eixão (eixosa) e Superquadra.

Primeiramente, houve uma reflexão sobre a motivação que levou o autor a nomear tais topônimos e suas considerações/interpretações para cada um dos logradouros citados no poema. Uma vez que, as razões para sua utilização, de acordo com Kallynny Amaral Cardoso, podem ser diversas.

A motivação para a nomeação dos topônimos ocorre geralmente de fatores de natureza diversa, sejam eles sociais, culturais, econômicos, geográficos, políticos, linguísticos e extralinguísticos. Essa diversidade revela uma questão delicada em termos de tradução, pois não se trata apenas de uma questão linguística, mas de significados que vão além do real sentido da palavra. (CARDOSO, 2016, p.156)

Como citado no item 2.2, Behr declarou enxergar a W3, por exemplo, como uma avenida “reta, que precisa ser humanizada”. Na concepção original da via, de acordo com o projeto de Lucio Costa, a W3 seria uma avenida ao fundo das superquadras e com a função de serviço para o tráfego de caminhões. Uma espécie de linha divisória entre a área residencial e a área agrícola. Mas, como já citado no item 2.2, a avenida traiu sua vocação e tornou-se a principal via comercial há trinta anos.

Optou-se neste TCC em realizar a tradução com o recorte de época. Na década de 1980, quando a W3 era uma via poderosa em Brasília, com um comércio forte e atuante. Atualmente, ela está menos forte e um pouco decadente. Portanto, ao considerar o perfil de avenida forte, de trinta anos atrás, percebe-se esta se aproxima do perfil das Ramblas de Barcelona. Avenidas movimentadas, cheias de vida e comércio forte. A Rambla Catalunya, foi a escolhida, por indicação da moradora da cidade, Juliana Silva, que explicou se tratar de uma via que corta o centro histórico da cidade, onde se encontram muitos bares, cafés, restaurantes, barracas e lojas de souvenirs. Repleta de lojas. Assim, o primeiro verso do poema ficou desta forma em sua versão para a Cidade de Barcelona:

T.O.	T.T.
aquela noite Suzana estava mais W3 do que nunca	aquella noche suzana estaba más Catalunya que nunca

No poema, Behr cita os Eixos e faz uso do neologismo para dar uma qualidade à Suzana através das características dos Eixos rodoviário e monumental que cortam Brasília. Humanizando, como ele mesmo fez questão de destacar e repetir, a maquete, que é Brasília em seu entendimento. A partir do estudo feito sobre as vias de Barcelona e da contribuição dada pela brasiliense, gentil colaboradora para este trabalho, a escolha recaiu sobre a via Meridiana. E, numa adaptação ao neologismo utilizado pelo autor, houve a escolha por empregar o sufixo ‘osa’ para dar uma qualidade e transformar a via em um adjetivo. Numa clara indicação de que Suzana estava cheia de Meridiana. aplicando o neologismo, assim como fez o autor.

Ao citar a avenida L2, o Behr interpreta que esta é uma via mais terna, com a configuração de uma rua mais família. Na pesquisa feita pelo Google.docs é possível identificar que a L2 para os entrevistados é uma avenida mais funcional. Dessa forma, a partir das considerações de Behr, da percepção dos que responderam à pesquisa e da brasileira que mora em Barcelona, optou-se pela via Diagonal de Barcelona para representar a L2.

A Avenida Diagonal é uma importante via no anel viário de Barcelona que se estende por 11 km e corta diagonalmente o Distrito, bairro, Ensanche. Por isto o seu nome.

Cortando o centro da cidade (o bairro de Eixample) em duas partes, diagonalmente em relação à costa, de onde provém o seu nome. É bem arborizada.

T.O.	T.T
toda eixosa	toda <i>meridiosa</i>
cheia de L2	llena de Diagonal

Para finalizar, manteve-se o nome próprio da Suzana, uma vez que esse promove a rima com ‘cama’ palavra que existe no espanhol tal qual no português. E a superquadra, foi traduzida como Gran Vía de las Cortes Catalanas. Uma das vias mais importantes de Barcelona, com aproximadamente 13 quilômetros de extensão e que cruza a cidade longitudinalmente abraçando de forma abrangente a cidade.

Na tradução, não foi utilizado o nome completo da via - Gran Vía de las Cortes Catalanas – por não dar leitura, quebrar o ritmo e, ademais, o nome extenso da Gran Vía também não é comumente falado pela própria população de Barcelona.

Todas as indicações de locais para utilização na versão do poema foram amplamente discutidas com a colaboradora Juliana Silva. A ajuda dela foi fundamental, uma vez que somente quem mora na cidade, conhece a cidade.

T.O.	T.T.
suzana	suzana
vai ser superquadra	sé Gran Vía
assim lá na minha cama	así en mi cama

A versão final do poema, em sua tradução interlingual domesticadora, voltada para a cidade de Barcelona, na Espanha, ficou portanto da seguinte forma:

Aquella noche
suzana estaba más Catalunya
que nunca
toda meridiosa
llena de Diagonal
Ah, suzana
sé Gran Vía
así en mi cama

4.2.2 Buenos Aires – Argentina

A tradução interlingual para a cidade de Buenos Aires levou em conta os mesmos critérios utilizados para realizar a domesticação do poema de Nicolas Behr para a cidade de Barcelona. Também foram utilizadas as respostas dadas pelos entrevistados, conceituando as vias de Brasília para estabelecer um parâmetro de comparação com o poema traduzido para o texto de chegada; assim como considerou-se a leitura que o autor fez de seu poema e, ainda, a contribuição de dois colaboradores: Luís Otávio Costa, Gerente de Operações e Tecnologia na empresa

CNP Seguros, que atualmente mora em B.A. e já morou em Brasília por mais de duas décadas, e Janaína, estudante de Letras Tradução – Espanhol, na Universidade de Brasília (UnB).

Primeiramente, buscou-se entender a importância e o papel de Buenos Aires no contexto de seu país.

É a capital e maior cidade da Argentina, além de ser a segunda maior área metropolitana da América do Sul, depois da Grande São Paulo. Ela está localizada na costa ocidental do estuário do Rio da Prata, na costa sudeste do continente. A conurbação da Grande Buenos Aires, que também inclui vários distritos da província de Buenos Aires, constitui a terceira maior aglomeração urbana da América Latina, com uma população de cerca de 13 milhões de pessoas. (WIKIPÉDIA, 2018)

T.O.	T.T.
naquela noite Suzana	aquella noche suzana
estava mais W3	estaba más Corrientes
do que nunca	que nunca

No trecho acima, a escolha pela avenida Corrientes, além de ter sido uma indicação do colaborador deste TCC, Luis Otávio – alguém que morou em Brasília durante muito tempo e que há quase cinco anos reside em Buenos Aires -, levou em conta a importância da avenida Corrientes para B.A. O logradouro é tido como “*a rua que nunca dorme*”. Conhecida também por ser referência para a vida noturna e boêmia da cidade. Portanto, um perfil que se aproxima bastante do que era a W3 na época em que o poema de Nicolas Behr foi escrito.

T.O.	T.T.
toda eixosa	toda La Boca

A escolha pelo bairro La Boca para representar o trecho do poema que fala ‘toda eixosa’, foi mais uma licença poética e uma reescritura criativa do que qualquer

outra ferramenta. Se, neste caso, seguíssemos os critérios de equivalência, a melhor opção para utilizar seria a avenida 9 de Julio, considerada a avenida mais larga do mundo com seus 140 metros, é uma das principais e mais importantes de Buenos Aires, equivalendo-se ao que representam os Eixos rodoviário e monumental para Brasília. Entretanto, a escolha por La Boca, foi pela sensualidade que o autor imprime no poema, utilizando os topônimos, e a quebra que existiria no ritmo do verso se optasse por 9 de Júlio. Portanto, a opção por La Boca, foi uma tentativa de utilizar uma referencia de lugar que, carrega em si a sensualidade que existe na palavra ‘Boca’.

T.O.	T.T.
cheia de L2	llena de Palermo

Palermo é considerado pelos portenhos um bairro que fica numa região tranquila e agradável, que possui casas e prédios residenciais, parques, e área comercial. Além de bares e restaurantes. Sendo assim por indicação de Luís Otávio, que mora na cidade, e a partir de informações colhidas na internet e em guias de turismo, o bairro se mostrou o mais apropriado para a tradução do trecho ‘cheia de L2’.

T.O.	T.T.
suzana, vai ser superquadra assim lá na minha cama	suzana, sé Recoleta así allá en mi cama.

Finalmente, no desfecho do poema, o bairro Recoleta foi o escolhido para simbolizar a superquadra de Brasília. Não por sua semelhança física, mas pela sua importância. Um bairro central e reconhecido como refinado de Buenos Aires. Um local onde é possível ir às compras, estudar ou se frequentar as feiras de rua do bairro. Um bairro completo, assim como a superquadra de Brasília.

A versão final do poema, em sua tradução interlingual domesticadora, voltada para a cidade de Buenos Aires, na Argentina, ficou portanto da seguinte forma:

aquella noche suzana
estaba más Corrientes
que nunca
toda La Boca
llena de Palermo
suzana,
sé Recoleta
así allá en mi cama.

4.3 Tradução - Reescrita Criativa

A opção por produzir uma tradução sob a ótica da Reescrita Criativa surgiu como uma tentativa de experimentar o que teóricos chamam de reescrita, ou, em alguns casos, manipulação ou refazimento do texto com algum propósito específico. O termo manipulação alcançou maior visibilidade com a publicação, em 1985, da coletânea de ensaios organizada por Theo Hermans e intitulada *The Manipulation of Literature* (Croom Helm).(MARTINS, 2010)

O termo *manipulation* (manipulação) no título foi sugestão de André Lefevere, para ressaltar a convicção dos autores de que, —do ponto de vista do sistema receptor, toda tradução implica um certo grau de manipulação do texto-fonte, com um determinado objetivo (HERMANS, 1985, p. 9 *apud* MARTINS, 2010).

Em seu artigo ‘As Contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a Teoria da Tradução’, Márcia do Amaral Peixoto Martins cita LEFEVERE, 1992, quando ressalta que “As reescritas podem introduzir novos conceitos, novos gêneros, novos recursos, e a história da tradução é também a história da inovação literária, do poder formador de uma cultura sobre outra”.

No caso do Poema de Behr, a reescrita que aqui se coloca neste trabalho é uma tentativa de ambientar o poema numa realidade cotidiana do leitor, em seu idioma, traduzindo o texto poético mais para o lado emocional do que a reescritura dos topônimos propriamente dita.

Para isso, a tentativa que aqui se põe de uma reescritura criativa, prescindindo-se dos topônimos vale-se dos dizeres de Roman Jakobson (1973a, p.72) de que a poesia é algo intraduzível: “A poesia, por definição, é intraduzível. Só é possível a transposição criativa: transposição intralingual – de uma forma poética a outra”. (*Apud* FALEIROS, 2015).

Na versão posta a seguir, foram utilizados como viés do poema fenômenos naturais das etapas do dia, como amanhecer, tarde e noite. Aliou-se a este tronco um adjetivo que dá qualidade ao amanhecer e que pode ser utilizado também para características pessoais. Neste caso: amanhecer.

Para adjetivar os topônimos com fenômenos e adjetivos, levou-se em conta também a interpretação e leitura que colhemos de entrevistados e do próprio autor em relação aos logradouros – W3, L2, Eixos e superquadra -. Conquanto que, dizer que “aquella noche, Suzana estaba más nocturna que nunca”, reflete o estado de espírito da personagem de que, sendo W3, ela estava pronta para a noite, pronta para ser uma avenida repleta de vida noturna.

Quando se opta pelo adjetivo ‘radiante’, a intenção é imprimir no poema a sensação de que a personagem estava se sentindo toda ‘dona de si’. Assim como os Eixos que assumem Brasília e a cortam num sinal de cruz, apropria-se da noite e brilha em seu âmago. Seguidamente, Suzana, radiante, se enche de amanhecer, exatamente como se põe a avenida L2, uma via diurna, terna e que também corta Brasília, levando vida à cidade como uma artéria. Finalmente, “Suzana sé seductora así allá em mi cama”, demonstra o lado sensual da personagem que vai ser ‘tudo isso, numa noite inteira na cama do autor.

T.O.	T.T.
naquela noite suzana estava mais W3	Aquella noche suzana estaba más nocturna

do que nunca	que nunca
toda eixosa	toda radiante
cheia de L2	llena de amanecer
suzana,	suzana,
vai ser superquadra	sé seductora
assim lá na minha cama	así allá en mi cama.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho surgiu da inquietação provocada na hora de traduzir um poema tão abundante de referências típicas de uma sociedade, população e cultura. Uma vez identificado desafio de transpor tais referências para um idioma de chegada, carregando em seu bojo toda a carga cultural e parâmetros da língua meta, tentou-se com este trabalho demonstrar que traduzir, como o barqueiro de Meschonic, que transporta almas para o vale da morte, é uma exercício de fazer chegar ao outro lado, não um texto vazio e morto, mas vivo e que consiga aproximar da melhor maneira possível o autor do leitor.

Ao longo do trabalho, pode-se perceber que traduzir literatura, mais especificamente poesia, é viver entre dois dilemas: salientar a presença do tradutor ou torná-lo tão invisível ao ponto de o leitor imaginar estar lendo uma obra original. Neste contexto, procurou-se experimentar os dois mundos, realizando uma tradução absolutamente estrangeirizadora - e coadunar com autores, como Venuti que defendem a “visibilidade” do tradutor -, ou domesticadora, onde o principal desafio foram os topônimos.

Considerando que domesticar é levar à cultura de chegada um texto que soe familiar para o leitor, foi feita uma busca por moradores das cidades meta escolhidas – Barcelona e Buenos Aires, para que pudessem auxiliar na domesticação. Assim, percebeu-se que traduzir, transformando o texto original em peça familiar para a cultura de chegada depende, e muito, da vivência e conhecimento do local-meta. Neste ponto, ficou clara a dependência do tradutor de auxiliares que pudessem repassar referências claras das cidades-meta. Dessa forma, recorreu-se à ajuda de dois

moradores – uma de Barcelona e outro de Buenos Aires - , que, mais do que atuais residentes dessas cidades, fossem também ex-moradores de Brasília. Pois, quando se trata de topônimos, as marcas locais são absolutamente determinantes.

Por outro lado, tratar dos topônimos de Brasília, no poema de Nicolas Behr nos trouxe outro desafio marcante que foi a característica que ele imprime em seu poema de “humanizar e erotizar” os logradouros, dando-lhes vida e forma. Ao domesticar, foi essencial o estudo da história de cada logradouro e a pesquisa feita com moradores da capital para melhor compreender e significar as avenidas e vias citadas.

Finalmente, a reescrita criativa se mostrou como uma tentativa de produzir um poema a partir do entendimento livre do poema e, neste aspecto, ficou claro o papel do tradutor como um escritor. Neste ponto, o texto produzido valeu-se das palavras de Haroldo de Campos que versa sobre a tradução de textos criativos como uma “recriação, ou criação paralela, autônoma porém recíproca”.

Assim sendo, com este Trabalho de Conclusão de Curso, identifica-se o vasto universo de possibilidades da tradução, principalmente quando essa lida com textos literários. Um escopo que não se encerra em estrangeirização, domesticação e reescrita criativa. Neste trabalho, tratou-se da tradução interlingual, mas há ainda, a intralingual, que (igualmente) remete aos desafios de busca pela melhor domesticação do texto original para que se alcance o leitor de chegada com um texto traduzido igualmente rico como o dos autor. E também aqui, há de se considerar o dilema de manter (ou não) a invisibilidade do tradutor.

Conclui-se, portanto, este trabalho com a certeza de que traduzir é como a viagem do barqueiro que realiza o seu trabalho sempre com o objetivo de uma travessia digna de transportar o texto sob condições e mecanismos que o façam chegar do outro lado vivo!

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADA, José Bonifácio Andrada e Silva, *O patriarca da Independência*. Op. Cit.p.117)

COUTO, André Luiz Farias e MATOS, Marcelo Badaró. Brasil, Brasília e os brasileiros. Rio de Janeiro. Fundação Israel Pinheiro. 2002

COSTA, Lúcio, Brasília, cidade que inventei – Relatório do Plano Piloto de Brasília, 1991. Elaborado pelo ArPDF, CODEPLAN, DePHA, Brasília, 1991

BEAL, Sofia, Estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 45, p. 65-83, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/elbc/n45/2316-4018-elbc-45-00065.pdf> Acesso em: maio de 2018.

SUPERQUADRA DE BRASÍLIA: preservando um lugar de viver / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília-DF, 2015. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/cartilha_unidade_vizinhanca%CC%A7a_iphan_df.pdf. Acesso em junho de 2018.

FREITAS, Luana Ferreira de, Tradução e Autoria: De Schleiermacher A Venuti, Cadernos de Tradução, Florianópolis, Brasil, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2008v1n21p95/7583>. Acesso em Junho de 2018.

MESCHONNIC, Henri. Poética do Traduzir. Tradução: Jeruza Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: perspectiva, 2010

FURIATI, Gilda maia Queiroz. Brasília na poesia de Nicolas Behr: idealização, utopia e crítica. Editora Universidade de Brasília, 2012.

BEHR, Nicolas. Brasilírica. Antologia Poética. Teixeira Gráfica e Editora, 2017

Snell-Hornby – A estrangeirização de Venuti: o legado de Friedrich Schleiermacher. *Estudos da Tradução? Pandaemonium*, São Paulo, v. 15, n. 19, Jul. /2012, p. 185-212. Disponível em: www.fflch.usp.br/dlm/alemao/pandaemoniumgermanicum. Acesso em Junho e 2018.

FALEIROS, Á. Tradução & poesia. In: AMORIM, LM., RODRIGUES, CC., and STUPIELLO, ÉNA., orgs. Tradução &: perspectivas teóricas e práticas [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em Junho de 2018.

Bastos, B. C. – O sentido e o som: três teorias da tradução de poesia em diálogo. *TradTerm*, São Paulo, v. 19, novembro/2012, p. 164-187. Disponível em: <http://tradterm.vitis.uspnet.usp.br>. Acesso em Junho de 2018.

BRITTO, Paulo Henriques - A reconstrução da forma na tradução de poesia, *Cadernos de Letras (UFRJ)* n.26 – jun. 2010. Disponível em: http://www.letras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/062010/textos/cl26062010Paulo.pdf. Acesso em Junho de 2018.

MARTINS, Marcia do Amaral Peixoto - As Contribuições de André Lefevere e Lawrence Venuti para a Teoria da Tradução. *Cadernos de Letras (UFRJ)* n.27 – dez. 2010. Disponível em: http://www.letras.ufrj.br/anglo_germanicas/cadernos/numeros/122010/textos/cl301220100marcia.pdf. Acesso em Junho de 2018.

MANZONI, Filipe Bitencourt, Quatro poetas quatro cidades, Dissertação (mestrado) – UFRJ/ Faculdade de Letras/ Programa de Pós- Graduação em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira), 2014

BATISTA, André Luiz Nogueira. A tradução dos topônimos para o inglês em Tenda dos Milagres. *Revista Inventário*, 13ª edição – Jul/dex de 2013. Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/13/traducao-toponimos-ingles-tenda-milagres-andre-batista.pdf>. Acesso em Junho de 2018.

Real Academia Española y Asociación de Academias de la Lengua Española. Versión beta. Nueva gramática de la lengua española (2009). [Edición en línea (www.rae.es). Acesso em Junho e 2018.

CARDOSO, Kallynny Amaral. Reflexões sobre traduzibilidade e intraduzibilidade dos topônimos no poema sujo. COMUNICACIONES EN HUMANIDADES. N°5 (2016)

FRIO, Fernanda - As fronteiras entre tradução e adaptação: da equivalência dinâmica de Nida à tradaptação de Garneau, São Paulo, v. 22, Dezembro/2013, Disponível em: www.usp.br/tradterm e <http://www.revistas.usp.br/tradterm/index>

SITES:

Wikipedia - <https://pt.wikipedia.org/wiki/Barcelona>

7. ANEXOS

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

constancio39@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☒ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Era uma avenida importante para o comércio da cidade

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Quase deserta na parte das 600

Como você definiria os eixos, naquela época?

Seguros para quem usava as passarelas subterrâneas

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Onde encontrávamos de tudo

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Um caos

Como você define a L2 hoje?

Com muitas opções nas quadras 600

Como você define os eixos hoje?

Perigosos para os pedestres

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Onde não se pode mais estacionar seu carro.

Nome e E-mail

Constância Viana

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

cleide.silva@trf1.jus.br

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☐ Sim

☒ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☒ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Viva

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Tranquila

Como você definiria os eixos, naquela época?

Onipotente

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Tem de tudo

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Morta

Como você define a L2 hoje?

Agitada

Como você define os eixos hoje?

Correria

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Comum

Nome e E-mail

Cleide cleide. silva@trf1.jus.br

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

bilafranzoni@hotmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☐ Sim

☒ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☐ 46 a 55

☒ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Como você definiria os eixos, naquela época?

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Decadência

Como você define a L2 hoje?

Lenta

Como você define os eixos hoje?

Essencial

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Um condominio

Nome e E-mail

Bilafranzonib@gmail.com

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

rossana.fd.unb@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☐ Sim

☒ Não

Idade *

☒ 35 a 45

☐ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Como você definiria os eixos, naquela época?

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Confusa

Como você define a L2 hoje?

Tranquila

Como você define os eixos hoje?

Catastrófico

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Quarteirão mal planejado. Grande demais

Nome e E-mail

Rossana rossana.fd.unb@gmail.com

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

alexandre_sud@msn.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☒ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Era tranquila de ir e vir.

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Tudo muito sosegado.transito livre.

Como você definiria os eixos, naquela época?

Como todas avenidas de Brasília tudo muito amplo e sossegado.

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Super bem cuidadas.

Você mora em Brasília hoje? *

☐ Sim

☒ Não

Como você define a W3 hoje?

Desconheço

Como você define a L2 hoje?

Desconheço

Como você define os eixos hoje?

Desconheço

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Desconheço

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

carla@ebc.com.br

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☐ 46 a 55

☒ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Principal rua de comércio.

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Pouco utilizada, longe de tudo.

Como você definiria os eixos, naquela época?

Principais vias de locomoção.

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Era adolescente, aquilo era o meu mundo. Pouco saía da Superquadra, só pra ir ao Colégio. Passava o dia lá embaixo com os amigos.

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Abandonada. Uma tristeza vez esse abandono.

Como você define a L2 hoje?

Muito utilizada. Muitos colégios, Igrejas e consultórios médicos. Area desenvolveu com o crescimento da cidade.

Como você define os eixos hoje?

Permanecem como importante via de locomoção, mas já estão saturados, muito movimento ...

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Ainda existem exceções, mas a quadra familiar está acabando, a insegurança é grande, difícil ver jovens e crianças brincando livres e relaxados nas Superquodras.

Nome e E-mail

Carla Fagundes (carla@ebc.com.br)

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

mavtorres@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☒ 35 a 45

☐ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Ótimo local para passear e fazer compras

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Um pouco deserta

Como você definiria os eixos, naquela época?

Maravilhoso. Com retornos e tesourinhas

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Tudo de bom

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Abandonada

Como você define a L2 hoje?

Um escape dos engarrafamentos

Como você define os eixos hoje?

Lotados de carros

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Cheias de carros que não são de miradores

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

noglatti@aol.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☐ 46 a 55

☐ 56 a 65

☒ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Um shopping a céu aberto.

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Boa.

Como você definiria os eixos, naquela época?

Bons.

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Lazer, cordialidade, integração.

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Ruim.

Como você define a L2 hoje?

Razoável.

Como você define os eixos hoje?

Normais para a cidade que cresceu.

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Boas.

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

mchangts@hotmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☒ 35 a 45

☐ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Agradável

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Deserta

Como você definiria os eixos, naquela época?

Infinitos

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Tranquilo

Você mora em Brasília hoje? *

☐ Sim

☒ Não

Como você define a W3 hoje?

Caótica e perigosa

Como você define a L2 hoje?

Bonita

Como você define os eixos hoje?

Rápidas

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Insegura

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

amamelo@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☒ 35 a 45

☐ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

melhor que hoje

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

vazia e sem carros

Como você definiria os eixos, naquela época?

passagem do presidente na faixa central

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

agregadora

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

decadente

Como você define a L2 hoje?

boa opção

Como você define os eixos hoje?

adoro o Eixão do lazer

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

agregadora

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

fsbarros@terra.com.br

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☒ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Comércio fervilhante. Casas abertas.

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Parecida com o que é hoje. Só que mais vazia.

Como você definiria os eixos, naquela época?

Com menos carros. Mas tão perigosos quanto hoje.

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Lugar de encontros e grandes amizades.

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Decadente

Como você define a L2 hoje?

Mais agitada.

Como você define os eixos hoje?

Continuam perigosos. Mas são boas vias expressas para carros.

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Não mudou. Lugar onde as pessoas se encontram.

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

helgaco@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☒ 35 a 45

☐ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Avenida importante, tinha tudo que eu precisava por perto (na sul). Uma ou outra loja fechada ou com a entrada pela W2 (como Super Maia), mas no geral: circulável. Minimamente limpinha. Isso antes do Pátio Brasil ou outros shoppings aparecerem e sugerem seus comércios. MUITOS acidentes de carro pesados na Sul, clima geral mudou com a entrada do Roriz (menos seguro brincar na pracinha, ficar na rua até tarde) depois de 85.

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Quase não tive contato. Era criança na W3 e só andava por ali. (escola, Demonstrativa, mercado etc).

Como você definiria os eixos, naquela época?

Menos movimentados. :D Muito menos carros. Dava pra cruzar mais eles por cima, embora as passagens por baixo não serem perigosas ainda.

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Eu não tinha direito. Eu sabia que eram quadras grandes e com vários prédios mas não conhecia ainda o conceito das 4 superquadras do Lúcio Costa, como ficou da 107 à 308.

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Triste, abandonada, suja. Lojas fechadas, Espaço cultural da 508 sul esquisito, insegura.

Como você define a L2 hoje?

Com mais vida que a W3, pelo menos; com suas escolas consolidadas e comércios das 400 por perto.

Como você define os eixos hoje?

Apinhados de carros, passagens subterrâneas inseguras, as vias são indispensáveis pra rápida circulação e oxigenação de Brasília neste modelo do Lúcio Costa.

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Microcosmo, universo paralelo. Sonho não realizado do conceito mais robusto que o Lúcio Costa gostaria, em sua complexidade (e por isso não concretizado) que teria tornado a vida dos moradores ainda mais fantástico. E local.

Nome e E-mail

Helga e helgaco@gmail.com

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

mariliaprt@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☐ Sim

☒ Não

Idade *

☒ 35 a 45

☐ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Cheguei em BSB em 1996

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Cheguei em BSB em 1996

Como você definiria os eixos, naquela época?

Cheguei em BSB em 1996

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Cheguei em BSB em 1996

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Um local que precisa ser revitalizado para ser tao bom quanto antes

Como você define a L2 hoje?

Está melhor que antes

Como você define os eixos hoje?

Estão a mesma coisa

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

É um endereço como outro qualquer mas que só existe em Brasília

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

andreavcosta@yahoo.com.br

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☒ 35 a 45

☐ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Uma avenida viva, com muitas lojas e serviços relevantes.

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Importante ligação entre as Asas.

Como você definiria os eixos, naquela época?

Vias de ligação da cidade, com fluxo intenso de carros durante a semana.

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Lugar de muita convivência coletiva, com muitas crianças brincando ao ar livre.

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Avenida morta, com poucas lojas relevantes.

Como você define a L2 hoje?

Continua sendo apenas importante via de ligação entre as Asas, só que com mais opções de comércio.

Como você define os eixos hoje?

Continuam os mesmos, com a excelente diferença do Eixão do Lazer aos domingos e feriados.

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Quadras mortas, sem gente e sem vida.

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

belcguedes@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☒ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Movimentada.

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Tranquila

Como você definiria os eixos, naquela época?

Espaçoso

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

União

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Abandonada

Como você define a L2 hoje?

Movimentada

Como você define os eixos hoje?

Ainda espaçosos

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Comodidade

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

tepedino11@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☐ 46 a 55

☒ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Shopping ao ar livre.

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Apenas uma via de trânsito.

Como você definiria os eixos, naquela época?

Uma grande avenida bem arborizada.

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Local de convivência entre vizinhos e amigos.

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Decadente.

Como você define a L2 hoje?

Como antes, apenas uma via de trânsito.

Como você define os eixos hoje?

Uma grande avenida com arborização mais bonita ainda.

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Ótimo ambiente para conviver e criar os filhos.

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

edsonma@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☒ 35 a 45

☐ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Sem semáforos!

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Sem construções, unb era lugar isolado!

Como você definiria os eixos, naquela época?

sem congestionamento!

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

brincar debaixo do bloco

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Abandonado e caótico no trânsito

Como você define a L2 hoje?

Com construções, mas área de roubo de rodas de carro. rs

Como você define os eixos hoje?

Caótico no trânsito e enxente nas tesourinhas

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Não pode mais brincar debaixo do bloco..... rs

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

sousa.reis@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☒ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Comercial tradicional

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Avenida típica de Brasília

Como você definiria os eixos, naquela época?

Vias expressas, exclusivas para carros, como até hoje.

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Quase um mini bairro

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Uma avenida comercial moribunda

Como você define a L2 hoje?

Continua uma avenida Brasiliense tradicional, bem setorizada.

Como você define os eixos hoje?

Continua a ser a avenida expressa exclusiva para carros

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Um mini bairro mais frio e com menos vida do que na década de 80

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

deigmaturazi@yahoo.com.br

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☐ 46 a 55

☒ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Dando os primeiros sinais de decadência.

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Feia.

Como você definiria os eixos, naquela época?

Charmosos, abertos à liberdade.

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Muito adequado.

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Completamente decadente

Como você define a L2 hoje?

Mais feia

Como você define os eixos hoje?

Continuam charmosos

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Aglutinadoras, mas precisam ser melhor cuidadas e receber mais atenção do governo.

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

callangolino@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☐ Sim

☒ Não

Idade *

☒ 35 a 45

☐ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Como você definiria os eixos, naquela época?

.....

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

.....

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Caótica

Como você define a L2 hoje?

Boa de trafegar

Como você define os eixos hoje?

Bons de trafegar

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Lugar onde vivo e consigo acessar serviços básicos. Lugar único no Brasil.

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

sznoliveira@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☒ 35 a 45

☐ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Mais movimentada do que hoje.

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Não frequentava nessa época.

Como você definiria os eixos, naquela época?

Tranquilos

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Bairros residenciais.

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Fraca

Como você define a L2 hoje?

Fraca

Como você define os eixos hoje?

Tranquilos

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Quadras residenciais

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

fabiolaimpresa@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☐ Sim

☒ Não

Idade *

☒ 35 a 45

☐ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Como você definiria os eixos, naquela época?

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

local abandonado

Como você define a L2 hoje?

trânsito difícil em muitos momentos

Como você define os eixos hoje?

complicados no horário de rush; domingo é legal

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

local muito bom para se viver

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

dorisgmaciел@hotmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☒ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

O shopping de Brasília

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Onde tinham as escolas e igrejas

Como você definiria os eixos, naquela época?

Lugar tranquilo de atravessar e usava muito as passagens subterrâneas sem perigo.

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Lugar onde encontrar os amigos, jogar Bete e queimada. Toda quadra tinha a sua turma.

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Um lugar abandonado

Como você define a L2 hoje?

Onde se tem escolas, clínicas e igrejas

Como você define os eixos hoje?

Impossível de atravessar principalmente o eixo, as passagens subterrâneas estão abandonadas e perigosas

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Não se vê mais crianças brincando, estão todos em casa ou por medo da violência ou mexendo no computador

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

ismsaude@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☒ 35 a 45

☐ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Massa

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Massa

Como você definiria os eixos, naquela época?

Massa

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Lugar mais seguro

Você mora em Brasília hoje? *

☐ Sim

☒ Não

Como você define a W3 hoje?

Pior

Como você define a L2 hoje?

Perigosa e com trânsito ruim

Como você define os eixos hoje?

Movimentados

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Hoje é mais perigoso

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

adecoelho5@yahoo.com.br

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☒ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

movimentada

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

pouco movimentada

Como você definiria os eixos, naquela época?

muito pouco movimentados

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Superquadra onde as pessoas se conheciam

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

muito movimentada

Como você define a L2 hoje?

movimentada

Como você define os eixos hoje?

movimentados

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Superquadra onde as pessoas se conhecem

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

editsilva@live.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☐ 46 a 55

☒ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

A W3 Sul tinha um bom comércio. A Norte estava em formação.

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Era praticamente inóspita.

Como você definiria os eixos, naquela época?

A velocidade do Eixão era 100 km e tinha menos entradas e saídas para os eixinhos.
O trânsito era bem menos intenso.

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Muitas nem existiam. Era um ambiente de boa convivência entre todos.

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Trânsito intenso, acidentes, crime e prostituição na Norte. Comércio decadente na Sul.

Como você define a L2 hoje?

Muito trânsito, engarrafamento, acidentes, construções comerciais nada modernas e isolada durante a noite.

Como você define os eixos hoje?

As velocidades do Eixão são 80 e 60 Km. Muitos acidentes e trânsito. As árvores cresceram. Fechado nos domingos e feriados (mesmo com pouca frequência).

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Muito movimento de carros, assaltos, muitos animais, embora algumas sejam modelos os moradores circulam pouco por precaução.

Nome e E-mail

Edit Silva - editsilva@live.com

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

karlamirellamaia@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☒ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Movimentada

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Vazia

Como você definiria os eixos, naquela época?

Caminho

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Lar

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Em decadência

Como você define a L2 hoje?

Movimentada

Como você define os eixos hoje?

Caminho

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Insegurança

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

renatacvibr@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☒ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Útil

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Necessária

Como você definiria os eixos, naquela época?

Necessários

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Diversão

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Morta

Como você define a L2 hoje?

Necessária

Como você define os eixos hoje?

Perigosos

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Desanimada

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

carciliofranco@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☐ 46 a 55

☐ 56 a 65

☒ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Principal comércio de Brasília

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Avenida tranquila para o trânsito

Como você definiria os eixos, naquela época?

De fácil locomoção

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Tranquilidade e qualidade de vida muito bom

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Comercio fraco e pouco estacionamento.

Como você define a L2 hoje?

Muito congestionado

Como você define os eixos hoje?

Transito horrivel

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Lotacao total, falta de seguranca

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

cmpkirmse@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☒ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Melhor comércio próximo à área residencial

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Tranquila e basicamente acesso às escolas

Como você definiria os eixos, naquela época?

Boas pistas

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Pequena comunidade

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Abandono

Como você define a L2 hoje?

Muitos semáforos

Como você define os eixos hoje?

Principal ligação entre os pontos da cidade

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Só um endereço

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

kalina.benedetti@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☒ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Sem charme

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Larga, sem tráfego

Como você definiria os eixos, naquela época?

Jeito agradável de dirigir pelo Plano Piloto

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Lugar seguro para morar e amigos para brincar debaixo do prédio

Você mora em Brasília hoje? *

☐ Sim

☒ Não

Como você define a W3 hoje?

Segue sem charme

Como você define a L2 hoje?

Entulhada

Como você define os eixos hoje?

Trânsito estrangulando as vias

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Não é mais segura, não vejo jovens embaixo do prédio como no meu tempo

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

kimirsenphoto@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☐ 46 a 55

☐ 56 a 65

☒ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

O único lugar onde Brasília (Plano Piloto), poderia se parecer como uma cidade normal.

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

"Rota de fuga" ou caminho de casa.

Como você definiria os eixos, naquela época?

Melhor idéia do Lúcio Costa e do Oscar. Facilitava e agilizava o transcurso.

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Segunda melhor idéia do Oscar, experimentado inicialmente no Conjunto do IAPI em Belo Horizonte. Daria certo em muitos lugares, mas brasileiro classe média gosta de garagem, não gosta de se misturar, então fecha tudo desfigurando o projeto original. Adoro até hoje as originais.

Você mora em Brasília hoje? *

☐ Sim

☒ Não

Como você define a W3 hoje?

Um lugar abandonado, uma ideia que não deu certo, uma "fabrica" de muquifos.

Como você define a L2 hoje?

Uma boa ideia que deu e dará sempre certo.

Como você define os eixos hoje?

Mesmo com tantas modificações, ainda é uma ótima ideia urbana.

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Uma ótima ideia para aplicar em algum lugar que não seja o Brasil rico. Mas ainda muito boa para conjuntos populares.

Nome e E-mail

Kim-Ir-Sen Pires Leal / kimirsenphoto@gmail.com

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

sampaiopinto@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☒ 35 a 45

☐ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Razoável

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Funcional

Como você definiria os eixos, naquela época?

Trânsito fluído

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Tranquilidade

Você mora em Brasília hoje? *



Sim



Não

Como você define a W3 hoje?

Abandonada

Como você define a L2 hoje?

Decadente

Como você define os eixos hoje?

No limite

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Próximas de tudo

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

jornalistamarcosroberto@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☒ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Comercial

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Facil

Como você definiria os eixos, naquela época?

Livres

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Super quadra

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Abandono

Como você define a L2 hoje?

Complicada

Como você define os eixos hoje?

Engarrafados

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Super quadra

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

claudioferreira_64@hotmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☒ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Pólo comercial

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Concentração de escolas e igrejas

Como você definiria os eixos, naquela época?

Trânsito rápido

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Convivência entre crianças e adolescentes

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Decadente

Como você define a L2 hoje?

Sem identidade

Como você define os eixos hoje?

Menos rápidos

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Com raras exceções, não há mais integração entre os moradores

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

araujosonia47@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☒ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Fantastica

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Tranquila

Como você definiria os eixos, naquela época?

Mesma coisa de hj

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

De casa

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Decadente

Como você define a L2 hoje?

Confusa

Como você define os eixos hoje?

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

claudiab david@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☒ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Uma opção

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Trânsito

Como você definiria os eixos, naquela época?

Rápido

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

O mesmo de hoje

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Horrível

Como você define a L2 hoje?

Engarrafada

Como você define os eixos hoje?

Usável

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

O mesmo

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

regisimagem@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☒ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Uma avenida com muitas lojas interessantes, com várias lojas de referência, um local onde resolvia boa parte das compras pessoais.

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Uma avenida distante, referência de escolas e igrejas.

Como você definiria os eixos, naquela época?

Eram vias com velocidade alta, apesar dos 60km. Havia muitos atropelamentos. Como não havia o eixão do lazer (não me lembro de existir) tenho poucas lembranças de atravessar o eixão. Era muito perigoso.

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Um local bem legal de se viver. Os pilotis eram a nossa esquina.

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Relativamente abandonada, com muitas depredações, pixações. muitas lojas vazias para alugar, sem procura.

Como você define a L2 hoje?

Parece mais cheia de prédios, escolas, hospitais, instituições.

Como você define os eixos hoje?

acho mais bonito, mais arborizados, o controle de velocidade melhorou muito o trânsito, há mais segurança.

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Um lugar aprazível, confortável, com muito espaço verde. Mas vejo que poucas crianças e jovens aproveitam o espaço. Mesmo assim ainda vejo casos de sorte em que um bloco ou quadra possui muitas crianças que desfrutam o espaço.

Nome e E-mail

regisimagem@gmail.com

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

adrinasser@yahoo.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☒ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Bom comércio

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Transitável

Como você definiria os eixos, naquela época?

Fácil fluxo

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Decadente

Como você define a L2 hoje?

Uma das vias que mais utilizo

Como você define os eixos hoje?

Mal cuidados e esburacados

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Incompletas de acordo com o projeto Inicial

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

garcezdaiane@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☒ 35 a 45

☐ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Atraente, cheia de variedade, viva

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Tranquila

Como você definiria os eixos, naquela época?

Amplos e transitáveis

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Amizade, companheirismo, riqueza de relações humanas

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Abandono, decadência, morta, sofrida

Como você define a L2 hoje?

Moderna e movimentada

Como você define os eixos hoje?

Estreitos

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

História

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

lucio.campello@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☒ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Um comercio ainda ativo

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Uma passagem pra o setor de clubes ou pro lago

Como você definiria os eixos, naquela época?

Praticamente inexistentes

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Nossa brincadeira, nossos amigos

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

So uma avenida. Uma atividade comercial quase largada

Como você define a L2 hoje?

Melhorou o acesso pra transito e atividades escolares, hospitalares

Como você define os eixos hoje?

Via de transito viavel e intensa

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Deserto

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

anaclaudia41@hotmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☒ 35 a 45

☐ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

avenida principal

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

longe

Como você definiria os eixos, naquela época?

rebeldia

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

novidade

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

nostalgia

Como você define a L2 hoje?

tumultuada

Como você define os eixos hoje?

alegria

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

muita gente

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

celsodf@hotmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☐ Sim

☒ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☒ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Como você definiria os eixos, naquela época?

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Mal explorada Comercialmente por causa do Valor exorbitante do Aluguel.

Como você define a L2 hoje?

Boa

Como você define os eixos hoje?

Bom

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Falta Segurança

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

kassatti@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☐ 46 a 55

☒ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Era parte importante do comércio da cidade.

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Uma via como outra qualquer.

Como você definiria os eixos, naquela época?

Congestionados.

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Uma lembrança feliz da infância e da juventude.

Você mora em Brasília hoje? *

☒ Sim

☐ Não

Como você define a W3 hoje?

Um lixo.

Como você define a L2 hoje?

Congestionada.

Como você define os eixos hoje?

Insuficientes.

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Continua uma lembrança boa.

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

gianpaolo.cunha@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☒ Sim

☐ Não

Idade *

☒ 35 a 45

☐ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Era onde ficava o melhor comercio de Brasilia, principalmente asa sul

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Quase ninguem usava essa avenida

Como você definiria os eixos, naquela época?

pouco movimento

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Era meio que uma família... Existiam as crianças da 7, as crianças da 6...

Você mora em Brasília hoje? *

☐ Sim

☒ Não

Como você define a W3 hoje?

Suja

Como você define a L2 hoje?

Como você define os eixos hoje?

muito carro

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

bitbiker@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☐ Sim

☒ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☒ 46 a 55

☐ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Como você definiria os eixos, naquela época?

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Você mora em Brasília hoje? *

☐ Sim

☒ Não

Como você define a W3 hoje?

Como avenida comercial tem sua importância, embora os preços praticados no comércio levem em consideração apenas o suposto "poder aquisitivo" dos moradores das superquadras, encarecendo muito os produtos e serviços em comparação com cidades como Sobradinho, Taguatinga e Ceilândia.

Como você define a L2 hoje?

É uma via mais adequada quanto à mobilidade com velocidade máxima razoável, multimodal com prioridade para pedestres.

Como você define os eixos hoje?

São excelentes vias para escoamento de trânsito, porém, dificultam a mobilidade de pedestres e ciclistas pelo grande fluxo de veículos e pelas altas velocidades.

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

É como morar dentro de um bosque.

Nome e E-mail

Márcio Bittencourt

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Pesquisa

Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, de Tradução - Espanhol, na Universidade de Brasília.

Endereço de e-mail *

kbrigolini@gmail.com

Você morou em Brasília na Década de 1980? *

☐ Sim

☒ Não

Idade *

☐ 35 a 45

☐ 46 a 55

☒ 56 a 65

☐ mais de 65

Se morou, como você definiria a avenida W3 naquela época?

Como você definiria a avenida L2 naquela época?

Como você definiria os eixos, naquela época?

Qual o seu conceito de superquadra, naquela época?

Você mora em Brasília hoje? *

☐ Sim

☒ Não

Como você define a W3 hoje?

um corredor de trânsito e comercial. Abandonado pelo poder público

Como você define a L2 hoje?

corredor de trânsito. grande maioria das vias em Brasília não foram projetadas para "ficar", apenas para "passar".

Como você define os eixos hoje?

Vias de fluxo rápido

Qual o seu conceito de superquadra, hoje?

residenciais marcados pelo aconchego, ajardinamento, cada vez ganhando mais equipamentos (ginásticas) para permitir ao morador ficar ali